

14  
TERCEIRA

P A R T E

DAS RIMAS

DO PRINCEPE DOS POETAS

PORTVGVESES

LVIS DE CAMOENS,

TIRADAS DE VARIOS MANVSCRIPTOS  
muitos da letra do mesmo Autor,

POR D. ANTONIO ALVAREZ,  
*da Cunha*

OFFERECIDAS A SOBERANA ALTEZA  
DO PRINCEPE

DOM PEDRO.

Por Antonio Craesbeeck de Mello, Im-  
pressor de S. ALTEZA, & à sua cu-  
sta impressas. Anno 1668.



TERCEIRA

PART E

DOAS RIMAS

DO PRINCIPAL DO LUGAR

PORTUGUESES

DESTE CAMPO

DESTE CAMPO

DO PRINCIPAL DO LUGAR

de (Cidade)

DESTE CAMPO

DO PRINCIPAL

DESTE CAMPO

DO PRINCIPAL DO LUGAR

DESTE CAMPO

## L I C E N C A S.

**V**istas as informações que se houverão, pode-se imprimir a Terceira parte das Rimas de Luis de Camoës, na fôrma que vai emendada, & despois de impressa tornará ao Conselho para se conferir, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 21. de Janeiro de 1667.

*Pacheco. Sousa. Fr. Pedro de Magalhães.*

*Rocha. Magalhães de Meneses.*

*D. Verissimo de Lancastro.*

**P**ode-se imprimir. Lisboa 3. de Fevereiro de 1667.

*F. Bispo de Targa.*

**P**ode-se imprimir, vistas as licenças do Ordinario, & S. Officio, & impresso tornará a esta Mesa, & sem isso não correrá. Lisboa 1. de Março de 667.

*Monceiro. Magalhaens de Meneses. Lemos.*

*Miranda. Carneiro.*



# DEDICATORIA

SENHOR.



OM infelice fortuna (por  
que rara vez he propicia  
aos benemeritos) come-  
çaraõ a vagar pello mun-  
do as obras que hoje ad-  
miraõ do Principe dos  
Poetas Luis de Camoës; não posso crer  
tanta ignorancia naquelles tempos, que  
lhe diminuisse a estimacão a falta de en-  
tendellas, pois nesses mesmos vejo, que  
pello que quizemos entender ousamos a  
dominar novas terras, & a conculcar não  
conhecidos mares: a falta de Principe, q  
as favorecesse foi a causa de lhe diminuir  
a quella veneração, a que depois nos trou-  
xerão mais os echos estranhos, que as vo-  
zes proprias; pois não ha hoje lingua na  
Europa, em que se não vejam traduzidas  
as suas Lusíadas, que o mesmo Poeta deu  
à estampa pello anno de 1572. na me-  
noridade.

noridade do fenhor Rey D. Sebastião, en-  
ja desgraçada perda depois acabou de ti-  
rar de todo o credito a este admiravel poe-  
ma, porq os animos estavam então mais  
para lamentar desgraças, q para aplaudir  
descripções. Com este receo, os que de-  
pois manifestarão as suas Rimas, imprí-  
mirão só aquellas que mais facilmente  
puderão alcançar; & eu me persuado, que  
a alta Providencia deixou estas para satis-  
fazer o merecido a este tão insigne Autor,  
encobrindeas com as trevas do esqueci-  
mento mais de cem annos, para que sa-  
hissem a luz entregues á protecção de V.  
A. cujos rayos lhe darão aquelle resplan-  
dor; que lhe havião tirado as sombras, ou  
da enveja, ou da ignorancia.

Não lhe pareça a V. A. infructuoso a-  
plicar-se també a esta lição entre aquellas,  
em que tão utilmente applica as horas, sem  
que atégora se pudesse queixar o governo  
de tão dilatada Monarchia, porque o va-  
lor de Achilles, a peregrinação de Eneas, &  
a Conquista de Gottredo correrão igual  
for-

fortuna de muitos outros iguaes Heróes,  
se os Homeros, os Virgílios, & os Tassos  
os não fizeraõ immortaes; suou a estatua  
de Orfeo em Pieria, aos progressos de A-  
lexandre, mostrando naquella ancia o  
Oraculo os Poetas, que se haviaõ de can-  
çar em referilos aos seculos vindouros,  
& eu cuido que a pezar do marmore que  
cobre as cinzas do cadaver do nosso Or-  
feo em S. Anna manifestará o calor, que  
ainda guarda para repartir por muitos en-  
genhos, que todos se haõ de aplicar em  
eternizar no mundo as acçoens de V. A.  
como di vida ao amparo que agora alcan-  
çaõ suas obras. Guarde Deos a Real Pes-  
soa de V. A. Lisboa.

*D. Antõnio Alvarez da Cunha.*

**C**ontinuoos neste Volume com os versos, que  
ainda não vistes do nosso grande Poeta Luís  
de Camões, que os trabalhos dos estudos nos  
trouxerão à mão; de varios manuscritos,  
municos da letra propria do Autor; pouco hey mister  
para vos fazer crer esta Verdade, porque elles mesmos  
testemunhão quem os fez, & se como Prothogeneo  
conheceis a linha de Apelles, esta offera que vos faço,  
sirva de peica á vossa benignidade, para outras que  
vos hei de fazer. VALE.

João de V. A. Lisboa.



## SONETO 1.

**F**ortuna em mim guardando seu direito,  
 Em verde derrubou minha alegria,  
 O quanto se acabou naquelle dia,  
 Cuja triste lembrança arde em meu peito!  
 Quando contemplo tudo, bem sospeito  
 Que a tal bem, tal descanso se devia,  
 Por não dizer o mundo, que podia  
 Achar-se em seu engano bem perfeito:  
 Mas se a Fortuna o fez por descontarme  
 Tamanho gosto, em cujo sentimento  
 A memoria não faz se não matarme:  
 Que culpa pôde dar-me o sofrimento,  
 Se a causa que elle tem de atormentarme,  
 Eu tenho de sofrer o seu tormento.

## SONETO 2.

**A**h Fortuna cruel, à duros Fados,  
 Quão asinha em meu dano vos mudastes  
 Passou o tempo, que me descansastes,  
 Agora descansaes com meus cuidados:  
 Deixastes-me sentir os bens passados,  
 Para mór dor da dor, que me ordenastes,  
 Entam nhũa hora juntos mos leuastes  
 Deixando em seu lugar males dobrados:  
 Ah quanto melhor fora não vos ver  
 Gostos, que assi passaes tam de corrida,  
 Que fico duvidoso se vos vi:  
 Sem vós ja me não fica que perder,  
 Senão se for esta cansada vida,  
 Que por mór perda minha não perdi.

## SONETO 3.

**Q**ue doudo pensamento he o que figo!  
 Apoz que vão cuidado vou correndo!  
 Sem ventura de mim, q não me entêdo,  
 Nem o que callo sei, nem o que digo:  
 Pelejo com quem trata paz comigo,  
 De quem guerra me faz, não me defendo;  
 De fallas esperanças, que pretendo!  
 Quem do meu proprio mal me faz amigo!  
 Porque, se naci livre, me cativo!  
 E pois o quero ser, como não quero!  
 Porque me engano mais com desenganos!  
 Se já de fesperei, que mais espero!  
 E se inda espero mais, como não vivo!  
 Esperando algum bem de tantos danos!

## SONETO 4.

**O**nde porei meus olhos, que não veja  
 A causa, donde nace meu tormento?  
 Ou a que parte irei com o pensamento,  
 Que para descansar parte me seja!  
 Enganase quem busca, ou quem deseja  
 Em vão a mdr firmeza no contento,  
 Que todo seu prazer he nevoa ao vento,  
 Onde sempre o bem falta, & o mal sobeja:  
 Anda minha alma cega, anda enganada,  
 A luz não busco, nem me desengano,  
 Nem curo de razão, busco o desejo:  
 Apoz hum não sei que, apoz hum nada,  
 Onde he certo o perigo, & certo o dano,  
 Que quanto mais me chego, menos vejo.

## SONETO 5.

**Q**Uando cuido no tempo, que contente  
Vi as perolas, neve, rosa, & ouro,  
Como quem vê por sonhos hum thesouro,  
Parece terho tudo aqui presente:  
Mas tanto que se passa este accidente,  
E vejo o quam distante de vós mouro,  
Temo quanto imagino por agouro,  
Porque de imaginar tambem me ausente:  
Ja forão dias, em que por ventura  
Vos vi, senhora, se assi dizendo posso  
Como coração seguro estar sem medo:  
Agora em tanto mal não mo assegura  
A propria fantasia, & nojo vosso,  
Eu não posso entender este segredo.

## SONETO 6.

**Q**Vando, senhora, quiz Amor que amasse  
Essa gram perfeição, & gentileza,  
Logo deu por sentença, que a crueza  
Em vosso peito Amor acrescentasse:  
Determinou que nada me apartasse,  
Nem desfavor cruel, nem asperçea,  
Mas que em minha rarissima firmeza  
Vossa izenção cruel se executasse:  
E pois tendes aqui offerecida  
Esta alma vossa a vosso sacrificio,  
Acabai de fartar vossa vontade:  
Não lhe alargueis senhora mais a vida,  
Acabará morrendo em seu officio,  
Sua fè defendendo, & lealdade.

## SONETO 7.

**E** U vivia de lagrimas izento  
 Num engano tão doce, & deleitoso;  
 Que em q' outro amante fosse mais ditoso,  
 Não valião mil glorias hum tormento:  
 Vendome possuir tal pensamento,  
 De nenhũa riqueza era envejofo,  
 Vivia bem, de nada receoso  
 Com doce amor, & doce sentimento:  
 Cobiçosa a fortuna, me tirou  
 Deste meu tão contente, & alegre estado;  
 E passou-se este bem, que nunca fora:  
 Em troco do qual bem, só me deixou  
 Lembranças, que me matão cada hora,  
 Trazendome à memoria o bem passado.

## SONETO 8.

**I** Ndo o triste Pastor todo embêbido  
 Na sombra de seu doce pensamento,  
 Taes queixas espalhava ao leve vento  
 Cum brando suspirar da alma sahido:  
 A quem me queixarei, cego perdido!  
 Pois nas pedras não acho sentimento!  
 Cõ quem fallo! a quẽ digo meu tormento!  
 Que onde mais chamo, sou menos ouvido:  
 O bella Nimpha, porque não respondes?  
 Porque o olhar-me, tanto me encareces!  
 Porque queres que sempre me querelle?  
 Eu quanto mais te vejo, mais te escondes!  
 Quão mais mal me ves, mais te endureces?  
 Assim que co mal cresce a causa delle.

## SONETO 9.

SE a fortuna inquieta, & mal olhada,  
 Que a justa Ley do Ceo consigo infama;  
 A vida quieta, que ella mais defama  
 Me concedera honesta, & repousada:  
 Pudera ser que a musa alevantada  
 Com luz de mais ardente, & viva flama  
 Fizera ao Tejo là na patria cama  
 Adormecer co som da lyra amada:  
 Porém, pois o destino trabalhoso,  
 Que me escurece a musa fraca, & laça  
 Louvor de tanto preço não sustenta:  
 A vossa de louvarme pouco e scaça  
 Outro sogeito busque valeroso,  
 Tal qual em vòs ao mundo se apresenta.

## SONETO 10.

*AD. Simão da Sylveira em resposta de outro seu, pel-  
 los mesmos consoantes, mandandolhe perguntar quem  
 fora o primeiro Poeta que fizera Sonetos.*

DE hum tam felice engenho, produzido  
 De outro, que o claro Sol não viu maior  
 He trazer cousas altas no sentido  
 Todas dignas de espanto, & de louvor:  
 Museo foi antiquissimo Escriptor,  
 Filosofo, & Poeta conhecido,  
 Discipulo do Musico amador,  
 Que co som teve o inferno suspendido:  
 Este pode abalar o monte mudo,  
 Cantando aquelle mal, que eu ja passei  
 Do mancebo de Abydo mal fizudo:  
 Agora contão ja (segundo achei)  
 Tasso, & o nosso Boscam, que disse tudo  
 Dos segredos, que move o cego Rey.

### III. PARTE DAS RIMAS.

#### SONETO II.

**E**ste amor, que vos tenho limpo, & puro  
De pensamento vil nunca tocado,  
Em minha tenra idade começado,  
Telo dentro nesta alma só procuro:  
De haver nelle mudança estou seguro,  
Sem temer nenhum caso, ou duro fado,  
Nem o supremo bem, ou baixo estado,  
Nem o tempo presente, nem futuro:  
A bonina, & a flor asinha passa,  
Tudo por terra o Inverno, & Estio deita,  
Só para meu amor he sempre Mayo:  
Mas vervos para mim senhora escassa,  
E que essa ingratição tudo me engeita,  
Tras este meu amor sempre em delmayo.

#### SONETO 12.

**Q**uem presumir, senhora, de louvarvos  
Com humano saber, & não divino,  
Ficará de tamanha culpa digno,  
Quamanha ficaes sendo em contemplarvos:  
Não pretenda ninguém de louvor darvos,  
Por mais que raro seja, & peregrino,  
Que vossa fermosura eu imagino,  
Que Deos a elle só quiz compararvos:  
Ditosa esta alma vossa, que quizestes  
Em posse pôr de prenda tão subida,  
Como, senhora, foi a que me destes:  
Melhor a guardarei, que a propria vida,  
Que pois merce tamanha me fizestes,  
De mim será ja mais nunca esquecida.

S O.

## S O N E T O 13.

**Q**uem poderá julgar de vós, senhora,  
 Que com tal fee podia assi perdervos,  
 Evir eu por amor a aborrecervos,  
 Que hei de fazer sem vós sòmente hũ hora?  
 Deixastes quem vos ama, & vos adora,  
 Tomastes quem quiçã não sabe vervos,  
 Eu fui o que não soube merecervos,  
 E tudo entendo, & choro triste agora:  
 Nunca soube entender vossa vontade,  
 Nem a minha mostrarvos verdadeira,  
 Inda que estã tão clara esta verdade:  
 Em mim vivirá ella sempre inteira,  
 E se para perder ja a vida he tarde,  
 A morte não fará, que vos não queira.

## S O N E T O 14.

**V**encido estã de amor meu pensamento,  
 O mais que pòde ser vencida a vida,  
 Sogeita a vos servir instituida,  
 Offerecendo tudo a vosso intento:  
 Contento deste bem louva o momento,  
 Ou hora em que se vio tão bem perdida,  
 Mil vezes desejando a tal ferida,  
 Outra vez renovar seu perdimento:  
 Com essa pretençaõ estã segura  
 A causa que me guia nesta empreza,  
 Tão estranha, tão doce, honrosa, & alta:  
 Jurando não seguir outra ventura,  
 Votando só por vós rara firmeza,  
 Sem ser no vosso amor açado em falta.

S O.

SONETO 15.

**S**empre, cruel senhora, receei,  
Medindo vossa graõ desconfiança,  
Que dèsse em desamor vossa tardança,  
E que me perdesse eu, pois vos amei:  
Percase em fim ja tudo o que esperei,  
Pois noutro amor ja tendes esperança;  
Tão potente será vossa mudança,  
Quanto eu encobri sempre o que vos dei:  
Deivos a alma, a vida, & o sentido,  
De tudo o que em mim ha vos fiz senhora,  
Prometeis, & negais o mesmo amor:  
Agora tal estou, que de perdido  
Não sei por onde vou, mas algum hora  
Vos dará tal lembrança grande dor.

SONETO 16.

**E**stes cabellos luros, & escolhidos,  
Que o ser ao claro Sol estão tirando,  
Esse ar tam peregrino, em que cuidando  
Estão continuamente meus sentidos:  
Estes furtados olhos tão fingidos,  
Que minha morte, & vida estão causando,  
Essa fermosa graça, que em fallando  
Finge meus pensamentos não ser criados:  
Esse compasso certo, essa medida,  
Que faz dobrar no corpo a gentileza,  
Essa beldade em terra tão subida:  
Amostre piedade, & não crueza,  
Que são laços, que Amor tece na vida,  
Em mim de sofimento, & em vós dureza.

SO



## SONETO 17.

**D**Izei, senhora, da belleza idea  
 Para fazerdes esse aureo crino,  
 Onde foistes buscar esse ouro fino,  
 De que escondida mina, ou de que vea?  
 Dos vossos olhos essa luz Phebea,  
 Esse respeito de hum Imperio digno,  
 Se o alcançastes com saber divino,  
 Se com encantamentos de Medea?  
 De que escondidas conchas escolhestes  
 As perlas preciosas Orientaes,  
 Que fallando mostraes no doce riso?  
 Pois vos formastes tal, como quizestes,  
 Vigiai vos de vós, não vos vejaes,  
 Fugi das fontes, lembreos Narciso,

## SONETO 18.

**N**A ribeira de Eufrates assentado,  
 Discorrendo me achei pella memoria  
 Aquelle breve bem, aquella gloria,  
 Que em ti doce Syaõ tinha passado:  
 Da causa de meus males perguntado  
 Me fois como não cantas a historia  
 De teu passado bem, & da victoria,  
 Que sempre de teu mal has alcançado?  
 Não sabes, que a quem canta se lhe esquece  
 O mal, inda que grave, & riguroso,  
 Canta pois, & não chores dessa sorte:  
 Respondi com suspiros: Quando crece  
 A mpita saudade, o piedoso  
 Remedio he não cantar, senão a morte?

## SONETO 19.

**E** L vaso reluziente, y cristalino;  
 De Angeles agua clara, y olorosa,  
 De blanca seda ornado, y fresca rosa,  
 Ligado con cabellos de oro fino:  
 Bien claro parecia el don divino  
 Labrado por la mano artificiosa  
 De aquella blanca Ninfagraciosa,  
 Más que el rubio luzero matutino:  
 Nel vaso vuestro cuerpo se affigura,  
 Raxado de los blancos miembros bellos,  
 Y en el agua vuestra anima pura:  
 La seda es la blancura, y los cabellos  
 Son las prisiones, y la ligadura  
 Con que mi libertad fue afida dellos.

## SONETO 20.

**P** Ves lagrimas tratais mis ojos tristes;  
 Y en lagrimas passais la noche, y dia;  
 Mirad si es llanto este que os embia  
 Aquella por quien vós tantas vertistes:  
 Sentid mis ojos bien esta que vistes,  
 Y si ella lo es, ò gran ventura mia;  
 Por muy bien empleadas las avria;  
 Mil cuentos, que por esta sola distes:  
 Mas una cosa mucho desseada,  
 Aunque se vea cierta, no es creida,  
 Quanto más esta, que me es embiada:  
 Pero digo que aunque sea fingida,  
 Que basta que por lagrima sea dada,  
 Porque sea por lagrima tenida.

## SONETO 21.

**Q**Uando se vir com a água o fogo arder,  
 E misturar co dia a noite escura,  
 E a terra se vir naquella altura,  
 Em que se vem os Ceos prevalecer:  
 O Amor por razão mandado ser,  
 E a todos ser igual nossa ventura,  
 Com tal mudança vossa fermosura,  
 Então a poderei deixar de ver.  
 Porém não sendo vista esta mudança  
 No mundo (como claro está não ver-se)  
 Não se espere de mim deixar de vervos:  
 Que basta estar em vós minha esperança  
 O ganho de minha alma, & o perder-se,  
 Para não deixar nunca de querervos.

## SONETO 22.

**C**Horai Ninfas os Fados poderosos  
 Daquella soberana fermosura,  
 Onde serão parar na sepultura  
 Aquelles reaes olhos graciosos?  
 Oh bens do mundo fallos, & enganosos!  
 Que magoas para ouvir, que tal figura  
 Jaza sem resplendor na terra dura  
 Com tal rosto, & cabellos tão fermosos:  
 Das putras que ferà! pois poder teve  
 A morte sobre cousa tanto bella,  
 Que ella eclipsava a luz do claro dia:  
 Mas o mundo não era digno della,  
 Por isso mais na terra não esteve,  
 Ao Ceo sobio, que ja se lhe devia.

## SONETO 23.

**A** H imiga cruel, que apartamento  
 He este, que fazeis da patria terra?  
 Quem do paterno ninho vos desterra,  
 Gloria dos olhos, bem do pensamento?  
 Is tentar da Fortuna o movimento,  
 E dos ventos cruéis a dura guerra,  
 Ver brenhas de agoa, & o mar feito é serra,  
 Levantado de hum vento, & de outro vèto:  
 Mas ja que vos partis, sem vos partirdes,  
 Parta com vosco o Ceo tanta ventura,  
 Que seja mór que aquella que esperardes,  
 E só nesta verdade ide segura,  
 Que ficão mais saúdaes com partirdes,  
 Do que breves desejos de chegardes.

## SONETO 24.

**S** Enhora ja desta alma perdoai  
 De hum vencido de amor os desatinos,  
 E sejião vossos olhos tão beninhos,  
 Como este puro amor, que d'alma sai:  
 A minha pura fee sómente olhai,  
 E vede meus extremos se são finos,  
 E se de algũa pena forem dignos,  
 Em mim, seu horã minha, vos vingai:  
 Não seja a dor, que abraça o triste peito,  
 Causa por onde pene o coraçãõ,  
 Que tanto em firme amor vos he sujeito:  
 Guardaivos do que alguns, dama, dirão,  
 Que sendo raro em tudo vosso objecto  
 Possa morar em vós ingratição.

## SONETO 25.

**Q**uem vos levou de mim, saudoso e stado,  
 Que tanta semrazam comigo usastes?  
 Quem foi por quem tão presto me negastes  
 Esquecido de todo o bem<sup>o</sup> passado?  
 Trocastesme hum descanso em hum cuidado  
 Tão duro, tão cruel, qual me ordenastes,  
 A fee, que tínheis dado, me negastes,  
 Quando mais nella estava confiado:  
 Vivia sem receo deste mal,  
 Fortuna, que tem tudo a sua merçe,  
 Amor, com desamor me revolveo:  
 Bem sei que neste caso nada val,  
 Que quem naceo chorando justo he,  
 Que pague com chorar o que perdeo.

## SONETO 26.

**D**iverfos casos, varios pensamentos  
 Me trazem tão confuso o entendimêto,  
 Que em nada vejo ja contentamento,  
 Senão quando se vão contentamentos:  
 Em varios casos varios sentimentos  
 Succedem, por mostrar ao fundamento,  
 Que he o que se deseja tudo vento,  
 Pois pinta haver descanso em vãos intêtos;  
 Vese em grandes discursos o desejo,  
 Quando às ocaſiões os tempos mudão,  
 Não ha cousa impossivel a hum cuidado:  
 O injusto co' justo he ja trocado,  
 Os duros montes seus assentos mudão,  
 Eu só não posso ver meu mal mudado.

## SONETO 27.

**D**Oce sonho, suave, & soberano,  
 Se por mais longo tempo me duràra,  
 Ah quem de sonho tal nunca acordára,  
 Pois havia de ver tal desengano:  
 Ah deleitoso bem, ah doce engano,  
 Se por mais largo espaço me enganára,  
 Se então a vida mísera acabàra,  
 De alegria, & prazer morrèra ufano:  
 Ditoso, não estando em mim, pois tive  
 Dormindo o que acordado ter quizerá;  
 Olhai com que me paga meu destino!  
 Em fim fôra de mim ditoso estive,  
 Em mentiras ter dita razão era,  
 Pois sempre nas verdades fui mofo.

## SONETO 28.

**D**Iana prateada esclarecia  
 Com a luz, que do claro Phebo ardente,  
 Por ser de natureza transparente,  
 Em si, como em espelho reluzia:  
 Cem mil milhoês de graças lhe influia,  
 Quando me appareceo o excellente  
 Rayo de vosso aspecto, differente  
 Em graça, & em amor do que sohia:  
 Eu vendome tão cheo de favores,  
 E tão propinquo a ser de todo vosso,  
 Louvei a hora clara, & a noite elcura:  
 Pois nella dêstes cor a meus amôres,  
 Donde colijo claro que não posso  
 De dia para vós ja ter ventura.

**A** Lá en Monte Rey, en Bal de Leça,  
 A Biolante bi beira de hum rio,  
 Tam fermosa em berdá, que quedè frio  
 De ber alma immortal em mortal maça:  
 De hum alto, & lindo copo a seda laça  
 A Pastora facaba fio a fio,  
 Quando lhe disse, morro, corta o fio,  
 Bolveo, não cortarei, seguro passa:  
 E como passarei, se eu acà quedo,  
 Se passar, respondi, não bou seguro,  
 Que este corpo sem alma morra cedo:  
 Com a minha, que lebas, te asseguro  
 Que não morras Pastor: Pastora ei medo,  
 O quedar me parece mais seguro.

## SONETO 30.

**P**orque me faz Amor inda acà torto,  
 O mal te faga Deos desbergonçado,  
 Rapaz bil, descortez, que me has guiado  
 A ber a Biolante, que me ha morto:  
 Bila, por más non berme tomar porto  
 En repouso d'ingun desbenturado,  
 Mas para chorar sempre quede a bado  
 As agoas dos meus olhos som conforto:  
 Bem vir ser tua madre Cypriana  
 Una mundana astrosa, deshonestá,  
 Cruel, falsa, sem ley, dura, & tirana:  
 Que a bós ella ser outra, & não ser esta,  
 Não tiberas bontá tão deshumana,  
 Nem fora contra mim tão cruda besta.

## SONETO 31.

**O** Lhos fermosos, em quem quiz natura  
 Mostrar do seu poder altos finais,  
 Se quizerdes saber quanto possais,  
 Vedeme a mim, que são vossa feitura:  
 Pintada em mim se vê vossa figura,  
 No que eu padeço retratada estais,  
 Que se eu passo tormentos desiguais,  
 Muito mais pôde vossa fermosura:  
 De mim não quero mais que o meu desejo,  
 Ser vosso, & só de ser vosso me arreyo,  
 Porque o vosso penhor em mim se asselle:  
 Não me lembro de mim, quando vos vejo,  
 Nem tdo mundo, & não erro, porque creyo  
 Que em lembrarme de vós cumpro cõ elle.

## SONETO 32.

**E** M quanto Phebo os montes acendia  
 Do Ceo com luminosa claridade,  
 Por evitar do ocio a castidade,  
 Na caça o tempo Delia despendia:  
 Venus, que então do furto descendia,  
 Por cativar de Anchises a vontade,  
 Vendo Diana em tanta honestidade,  
 Quasi zombando della, lhe dizia:  
 Tu vãs com tuas redes na espessura,  
 Os fugitivos cervos enredando,  
 Mas as minhas enredão o scutido:  
 Melhor he (respondia a Deosa pura)  
 Nas redes leves cervos ir tomando,  
 Que tomarte alli nelles teu marido.



## SONETO 33.

*A Dynamene morta nas agoas.*

**A** H minha Dynamene, assi duraste,  
 Quem não deixâra nunca de quererte?  
 Ah Ninfa minha, ja não posso verte,  
 Taõ azinha esta vida desprezaste?  
 Como ja para sempre te apartaste  
 De quem tão longe estava de perderte?  
 Poderão estas oídas defenderte,  
 Que não visses quem tanto magoaste?  
 Nem fallarte sòmente a dura morte  
 Me deixou, que tão cedo o negro manto  
 Em teus olhos deitado consentiste:  
 O mar, ô Ceo, ô minha escura morte?  
 Que pena sentirci, que valha tanto,  
 Que ainda tenho por pouco o viver triste?

## SONETO 34.

**O** Rigurosa ausencia receada  
 De mim sempre, mas nunca conhecida,  
 Saudade outro tempo tão temida,  
 Quanto em meu dano agora experimentada:  
 Ja rigurosamente começada  
 Tendes vossa aspereza em minha vida,  
 Tanto que temo ja que de oprimida  
 Sejaes com ella mui cedo acabada:  
 Os dias mais alegres me entristecem,  
 As noites em cuidados as desconto,  
 Em que sem vds sem conto me parecem:  
 Em desejo, & esperança as horas conto,  
 Mas com a vida em fim elles fallecem,  
 Não me posso valer de assistir pronto.

SO-

## SONETO 35.

**S**E de vosso fermoso, & lindo gesto  
 Nacêrão lindas flores para os olhos,  
 Que para o peito são duros abrolhos,  
 Em mim se vê mui claro, & manifesto:  
 Pois vossa fermosura, & vulto honesto  
 Em os ver, de boninas vi mil mólhos,  
 Mas se meu coração tivêra antolhos,  
 Não vira em vós seu dano o mal funesto:  
 Hum mal visto por bem, hum bem tristinho,  
 Que me traz elevado o pensamento  
 Em mil, porêm diverſas, fantasias:  
 Nas quaes eu sempre ando, & sempre sonho,  
 E vós não cuidaes mais q' em meu tormêto,  
 Em que fundaes as vossas alegrias.

## SONETO 36.

**N**Um tão alto lugar de tanto preço  
 Este meu pensamento posto vejo,  
 Que desfallece nelle inda o desejo,  
 Vendo quanto por mim o desmereço:  
 Quando esta tal baixeza em mim conheço,  
 Acho que cuidar nelle he gram despejo,  
 E que morrer por elle me he sobejo,  
 E môr bem para mim do que mereço:  
 O mais que natural merecimento  
 De quê me causa hum mal tão duro, & forte  
 O faz que vá crescendo de hora em hora:  
 Mas eu não deixarei meu pensamento,  
 Porque inda que este mal me causa a morte  
Vu bel morir tutta la vita honora.

S O:

## SONETO 37.

**Q** Vando a suprema dor muito me aperta,  
 Se digo que desejo esquecimento,  
 He força que se faz ao pensamento,  
 De que a vontade livre desconcerta:  
 E assi de erro tão grave me desperta  
 A luz do bem regido entendimento,  
 Mostrando que he engano, ou fingimento  
 Dizer que em tal descanso mais se acerta:  
 Porque essa mesma imagem, que na mente  
 Me representa o bem de que careço  
 Me faz de hum certo modo ser presente:  
 Ditosa he logo a pena que padeço,  
 Pois que da causa della em mim se sente  
 Hum bem, que inda sem vervos reconheço.

## SONETO 38.

**Q** Vantas penas Amor, quantos cuidados,  
 Quantas lagrimas tristes sem proveito,  
 De que mil vezes olhos, rosto, & peito  
 Por ti cego, me viste ja banhados:  
 Quantos mortaes suspiros derramados  
 Do coração, por tanto a ti fogeito,  
 Quantos males em fim tu me tens feito,  
 Todos forão em mim bem empregados:  
 A tudo satisfaz (confessote isto)  
 Hũa sò vista branda, & amorosa,  
 De quem me cativou minha ventura:  
 O sempre para mim hora ditosa,  
 Que posso temer já, pois tenho visto  
 Com tanto gosto meu, tanta brandura?

## SONETO 39.

**S**E como em tudo o mais fostes perfeita;  
 Foreis de condiçãõ menos altiva,  
 Vida pôde esperar esta cativa  
 Vida, que a vossos pès morta se deita:  
 Mas quanto de vòs vé, quanto sospeita,  
 Estorvos são, para que mais não viva,  
 E para maior mal a morte esquiva,  
 Vêdo que me engeitaes, também me engeita:  
 Se nisto contradiz vossa vontade,  
 Mandailhe vòs, senhora, que dê fim  
 A vida tão cercada de tristeza:  
 Pois ella não o faz por piedade,  
 Que tenha do meu mal, mas porq̃ em mim  
 Vivendo farteis vós vossa crueldade.

## SONETO 40.

**O** Tempo acaba, o Anno, o Mez, & a Hora;  
 A Força, a Arte, a Manhã, a Fortaleza,  
 O Tempo acaba a Fama, & a Riqueza,  
 O Tempo o mesmo Tempo de si chora;  
 O Tempo busca, & acaba o onde mora  
 Qualquer ingratição, qualquer dureza,  
 Mas não pôde acabar minha tristeza,  
 Em quanto não quizerdes vòs senhora:  
 O Tempo o claro dia torna escuro,  
 E o mais ledo prazer em choro triste,  
 O Tempo a tempestade em grão bonança:  
 Mas de abrandar o tempo estou seguro,  
 O peito de diamante, onde consiste  
 A pena, & o prazer desta esperança.

## SONETO 41.

**P**osso me tem Fortuna em tal estado,  
 E tanto a seus pés me tem rendido,  
 Não tenho que perder já de perdido,  
 Nem tenho que mudar já de mudado:  
 Todo o bem para mim he acabado,  
 De aqui dou o viver já por vivido,  
 Que aonde o mal he tão conhecido,  
 Também o viver mais será escusado:  
 Se me basta querer a morte quero,  
 Que bem outra esperança não convém,  
 E turarei hum mal com outro mal:  
 E pois do bem tão pouco bem espero,  
 Já que o mal este só remédio tem,  
 Não me culpem em querer remedio tal.

## SONETO 42.

**I**A não fere o Amor com arco forte,  
 As setas tem lançadas já por terra,  
 Como sohia já não nos faz guerra,  
 Porque a que nos faz he de outra sorte:  
 Com olhos pellos olhos nos dà morte,  
 E para acertar o que não erra,  
 Os vossos escolheu, em quem se encerra  
 Mais bem do que ha do Sul ao Norte:  
 Concedevos o Amor tão grão poder,  
 Que vós sejais do seu livre, & izenta:  
 Apagouse a candeia no meio da consoante.  
 Por isso Feliza se vos não contenta,  
 Não vades com o soneto por diante,  
 Que he sonho o que a fantasia representa.

## SONETO 43.

**L**embranças, que lembraes meu bẽ passado,  
 Para que sinta mais o mal presente,  
 Deixaime (se quereis) viver contente,  
 Não me deixeis morrer em tal estado;  
 Mas se tambem de tudo està ordenado  
 Viver (como se vê) tão descontente,  
 Venha (se vier) o bem por accidente,  
 E dê a morte fim a meu cuidado:  
 Que muito melhor he perder a vida,  
 Perdendo se as lembranças da memoria,  
 Pois tanto danno fazem ao pensamento:  
 Assim que nada perde, quem perdida  
 A esperança trãs de sua gloria,  
 Se esta vida ha de ser sempre em tormento.

## SONETO 44.

**D**oce contentamento ja passado,  
 Em que todo meu bem ja consistia,  
 Quem vos levou de minha companhia,  
 E me deixou de vós tão apartado:  
 Quem cuidou que se visse neste estado  
 Naquellas breves horas de alegria,  
 Quando minha ventura consentia,  
 Que de enganos vivesse meu cuidado:  
 Fortuna minha foi cruel, & dura  
 Aquella, que causou meu perdimento,  
 Com a qual ninguem pôde ter cautela;  
 Nem se engane nenhũa creatura,  
 Que não pôde nenhum impedimento  
 Fugir do que ordena sua estrela.

## SONETO 45.

Muito ha que eu soube da ventura  
 A vida, que me tinha destinada,  
 Que a longa experiencia da passada  
 Me dava claro indício da futura:  
 Amor fero, & cruel, Fortuna escura,  
 Bem tendes vossa força exprimentada,  
 Assolai, destrui, não fique nada,  
 Vingaivos desta vida, que inda dura:  
 Soube da dita Amor, que eu a não tinha,  
 Porque senti ſse mais a falta della,  
 De imagens impossiveis me mantinha:  
 Mas vós, senhora (pois que minha estrella  
 Não foi melhor) vivei nesta alma minha,  
 Que não tem a Fortuna poder nella.

## ELEGIA I.

*A morte de Dom Miguel de Meneses, filho de  
 D. Henrique de Meneses, Governador da Casa  
 do Civel, que morre na India.*

Q Ve novas tristes são, que novo dano!  
 Que mal inopinado incerto soa,  
 Tinguindo de temor o vulto humano?  
 Que vejo as praias humidas de Goa  
 Ferver com gente attonita, & torvada  
 Do rumor, que de boca em boca soa.

He morto Dom Miguel, ah crua espada,

E parte da lustrosa companhia,

Que se ēbarcou na alegre, & triste armada,

E de espingarda ardente, & lança fria

Passado pello torpe, & iniquo braço,

Que nossas altas famas injuria.

Não lhe valeo rodela, ou peito de aço,

Nem animo de Ayòs altos herdado,

Com que se defendeo tamanho espaço!

Não terle em derredor todo cercado

De corpos de inimigos, que ex halavão

A negra alma do corpo traspassado.

Não com palavras fortes, que voavaõ

A animar os incertos companheiros,

Que fortes caem, & timidos viravaõ.

Mas ja postos nos termos derradeiros,

Passados por mil partes, & cortados,

Os membros sò do nobre esforço inteiros.

Os olhos de furor acompanhados,

Que inda na morte as vidas amedrentaõ

Dos fracos inimigos Espantados.

Postos no Ceo, parece que aprelentaõ

A pura alma à Suprema Eternidade,

Por quem os Ceos, & terra se sustentão.

E pedindo dos erros, que na idade

Verde, & quasi innocente, ja fazia,

Perdaõ á pia, & justa Magestade.

As Rosas apartou da neve fria,

E como flama fraca, a quem fallece

Seu humido licor, de que vivia.

Nas mãos do choro Angelical, que dece,

Se entrega, & vai gozar da vida eterna,

Que com tão justa morte se merece.

Vaite



Vaite alma em paz â gloria sempiterna,  
 Vai, que quem pella Ley santa, & divina  
 Morre, a dá a Deos, que os Ceos governa.

Quando pella razão devida, & dina  
 Do Rey, da Patria, & honra dos passados  
 Sacrificar a vida nos ensina.

Nos assentos de estrellas esmaltados  
 Lhe dá lugar a altissima Clemencia  
 Entre os Heroes â gloria destinados.

Mas ah, quem sofrerá perpetua ausencia  
 De tão charo Senhor, tão fido amigo!  
 Quem porá contra magoas resistencia!

Aquelle animo grande, que do antigo  
 De seus mayores era alto retrato,  
 Desprezador de todo o vil perigo.

Misturado com doce, & brando trato  
 Cos iguaes juntamente, & cos menores  
 A todos amoroso, a todos grato.

Aquelle espirito nobre, onde mayores  
 Esperanças cresciaõ, se o tão duro  
 Caso, as não cortàra em novas flores!

Em verde idade, siso ja maduro,  
 Alegre riso, ledo, & aberto peito;  
 Em repousado espirito seguro.

Não se berbo, & por arte contrafeito,  
 Mas todo puro, & em fim da natureza,  
 Mais para o Ceo, que para a terra feito.

Tambem do corpo a humana gentileza,  
 O bem talhado gesto, que mostrava  
 Forças iguaes, & manhas com destreza.

A cor, que o fresco rosto matizava  
 As rosas, flores novas de alegria,  
 Com que o Verão as faces adornava.

Tudo os fios da morte, que desvia  
Dos propósitos nossos, & saltea,  
Cortarão cruamente, quando abria.  
Deixa pois tu, fermosa Cytherea,  
Do gentil filho, & neto de Cyniras  
O pranto pella morte horrenda, & fea.  
E tu dourado Apollo, que suspiras  
Pello crespo Hyacinto, moço charo,  
Por quem a clara luz ao mundo tiras.  
Vinde, & chorai hum moço ao mundo raro,  
Não de ferino dente vulnerado,  
Nem de animal algum, que haja reparo.  
Mas só do fero imigo traspassado,  
Que sem duvida incerta, ou pio medo  
A vida poz nas mãos de Marte irado.  
Está tu tambem moço Idalio quedo,  
Deixa de dar o venenoso mel  
A beber pellos olhos triste, & ledo.  
Que ja os fermosos olhos de Miguel  
Cubertos são do negro, & escuro manto  
Da ley geral a todos, mais cruel.  
E vós filhas de Thespis, que do canto  
Podeis bem mitigar a ley immensa  
Dos irmãos generosos, & alto pranto.  
Não consintaes que fação larga offensa  
A grande integridade, que se devem,  
Não são agoas do dano recompensa.  
Que ja diante os olhos me descrevem,  
Quando as bocas da fama voadora  
Ao patrio, & claro Tejo as novas levem.  
A profunda tristeza, que em hum hora  
Tal posse tomarà dos altos peitos,  
Que a razão quasi quasi deite fora.

Alli de dor os coraçoes fogueitos  
Pezadas lhe seraõ consolaçoens,  
E pezados exemplos, & respeitos.  
Pequena he certo a dor, que com razoens  
Se pôde refrear, nem com memoria  
De outros antigos, & integros varoens.  
Mas porèm se igualaes a vida á gloria  
Meu grande Dom Phelippe, & pretendeis  
Deixar de vossas obras larga historia.  
Eu não vos admoesto, que estreiteis  
O coração na Estoica disciplina,  
Onde livre de effeitos vos mostreis,  
Que mal natura nossa determina  
Medo, esperanças, dores, & alegria,  
Como o Cynico velho nos ensina.  
Immanidade estúpida diria  
O Sulmonense canto, & vil rudeza  
He não sentir effeitos, que a alma cria.  
Porèm se não sentir nada, he bruteza,  
E se paixão de vida se consente,  
Tambem o sentir muito he ja fraqueza.  
Se doe a opinião do mal presente,  
E medo, & opinião do mal futuro,  
São em fim tudo opinioens da gente.  
O verdadeiro sabio está seguro  
De leves alegrias, & de espanto  
De dor, que turba da alma o licor puro.  
Inda antes que aconteça o riso, & o pranto  
Os temja no sentido meditados,  
Livre está de alvoroço, & de quebranto.  
E como de alta torre vê cuidados  
Humanos vaõs, & aquella differença  
De ambiçoens, & cobiças, & peccados.

Todo caso acha nelle só presença,  
 Que como as febres são da carne humana,  
 Assim os efeitos d'alma são doença.  
 Se esta doutrina credes, que he profana,  
 Ponde os olhos na nossa, que he divina,  
 E sobre todas santa, & soberana.  
 Vereis Aram, que não se contamina  
 Sobre os montes seus, que defendida  
 A do lhe foi da santa disciplina.  
 Não chega a ver parentes, que da vida  
 Partidos são, que na alma a Deos agrada,  
 Que nenhũa afflicção do mundo impida.  
 Nós sonos geração a Deos dicada  
 Sacerdotal, que em tempo nenhum deve  
 Do gentilico culto ser tocada.  
 Sedos antigos Padres, ja se escreve,  
 Que chorando, aos mortos enterrarão  
 Com dor, & pranto publico, & não leve.  
 Era porque inda as portas não quebrarão  
 Do Ceo sereno aquellas mãos cravadas,  
 Que os antigos contagios alimparão.  
 E tambem por ornar as sempre usadas  
 Pompas do funereal enterramento  
 Com publicas exequias costumadas.  
 Esta alta fortaleza, & sofrimento  
 Como a forte Varão vos he devido,  
 E como ley do santo documento.  
 Bem conheço, que o corpo assi perdido,  
 Que do sepulchro nobre aqui carece  
 Ser de aves, ou feras consumido.  
 Mas tambem nisto vi, que se parece  
 Codo gram Bisavô, que pella vida  
 Real a sua ás lanças offerece.  
 Fazendo

Fazendo com seus membros impedida  
A passagem aos feros Tingitanos,  
Ficou sem sepultura merecida.  
E lá nos aposentos soberanos  
O recebem da palma coroados,  
Desprezando do corpo baixo os danos.  
E elle diz, que das gentes enterrado  
Qualquer corpo será, mas quem morreo  
Por Deos, he só dos Anjos sepultado.  
Que mais rico, & fermoso Mausoleo,  
Que pyramides altas, que figura  
De mortalha, que chegue a estar no Ceo!  
Facil he a perda aqui da sepultura;  
Diogenes prudente, & Theodoro  
Pouco sentem do corpo essa jactura.  
Assi fermoso, inteiro, assi decoro,  
Adora quem o tem, como o tomou  
Quando se ouvir o extremo som sonoro;  
Mas oh, que temor supito occupou  
Vosso peito famoso, ò Portugueses,  
Que pavido temor vos lanceou.  
Que lançadas, que golpes, que revezes,  
Vos fizerão fazer tamanha injuria  
Aos Lusitanos bellicos arneses?  
Ou ja de Capitão sobeja incuria?  
Ou a fraqueza? Naõ, que elle sustentava  
Co seu corpo dos barbaros a furia.  
Ou do ferreo cano a força brava  
Com estrondos, que atroaõ mar, & terra,  
Que os coraçoes no peito congelava.  
Ou quem vos fez que os impetos da guerra  
Não sustenteis com valor sempre ousado,  
Desprezando o furor, que a vida enterra.

30 *III. PARTE DAS RIMAS*

A vida pella patria, & pello estado  
Pendo, vossos Avós a nós deixarão  
Terras, mares, & exemplo sublimado.  
Elles a desprezar nos ensinarão  
Todo o temor, pois como agora os netos  
Subitamente assi degenerarão.  
Não podem certo não viver quietos  
Com fea infamia peitos generosos  
Em publicos lugares, nem secretos.  
Mortos os Espartanos valerosos,  
Da fera multidão fazendo estremos  
Taes Epitaphios tinham gloriosos.  
Dirás hospede tu, que aqui jazemos  
Passados do inimigo ferro, em quanto  
As santas leys da patria obedecemos.  
Fugindo os Perlas vão com frio espanto,  
Mas achão as mulheres no caminho  
Amostrandolhe o ventre sem ter manto;  
Pois fugis do perigo, que he visinho,  
Fracos, vinde escondervos (lhe dizião)  
Outra vez no materno escuro ninho.  
Vedes quaes com mais gloria ficarião  
Se aquelles que em fim morrẽ pello estado;  
Se os outros, que as mulheres injuriaõ.  
Mas tu claro Miguel, que ja acordado  
Destte sonho tão breve estàs naquella  
Torre do Ceo seguro, & repousado.  
Onde com Deos unida a forte, & bella  
Alma, com teus mayores reluzindo,  
Por cada chaga tens hũa clara estrella.  
Os pés o cristalino Ceo medindo,  
Pizando essas luciferas Esferas,  
Ja da terrenã os olhos encobrimdo.

Agora

Agora hum curso, & outro consideras,  
Agora a vaidade dos mortaes,  
Que tu tambem passaras, se viveras  
Mais a pena cantára, a poder mais.

## ELEGIA II.

*A morte de Dom Tello, que matarão na India:  
achouse em hum manuscripto do Arcebis-  
po Dom Rodrigo da Cunha, feito  
no anno de 1568.*

**S** Ayão desta alma triste, & magoada  
Palavras magoadas de tristeza,  
E seja ao mundo a causa declarada:  
Saya do peito a voz, com que a graveza  
Sogiga, doma, & as gentes move tanto,  
Por mais, & mais que tenhaõ de dureza.  
**E** vòs meus olhos tristes entre tanto  
Em lagrimas esta alma derretida  
Chorai, que amargo choro he o meu canto.  
**Q**uanto de mim a causa foi sentida,  
Seja de vòs chorada, & juntamente  
Choremos hũa morte, & hũa vida.  
**A**bondade choremos innocente,  
Cortada em flor, que pella acerba morte  
Nos foi arrebatada dentre a gente.  
**B**aquella immensa dor, & dura sorte  
Da magoada mãy, cuja alma triste  
Tambem cortada foi com agudo corte.



O espirito gentil, que ao Ceo subiste,  
 Porque engeitaste a minha companhia,  
 E acompanharte eu não consentiste.  
 Este he o canto heroico, & de alegria,  
 Que eu ja em teu louvor aparelhava,  
 Como o tornou a morte em Elegia.  
 Esta he a esperança, que nos dava  
 De ti, tua tenra, & alegre mocidade,  
 De quem tão grandes cousas se esperava.  
 O Hymineo, que em maes perfeita idade  
 Com honras mil te andava aparelhando,  
 A mãy, de quem não ouveste piedade.  
 Que agora, como Hecuba, anda bramando,  
 Buscando em vam a casa em toda a parte  
 Amado Filho meu, por ti bradando.  
 Quem me vedou os olhos teus ferrarte,  
 Que em tam amarga, & triste despedida  
 Pudera esta alma minha acompanharte.  
 Quem te privou da chara, & doce vida,  
 Meu filho tão feroso, & mal logrado  
 Dous corações passou hũa só ferida.  
 Em terra de desterro, ay filho amado,  
 Deixandome sem ti desamparada,  
 Quizeste ser de estranhos sepultado.  
 Se hias para fazer tão grão jornada,  
 Não levarás em tua companhia  
 Esta misera mãy desconsolada,  
 Quizaes que algum soccorro te seria,  
 Que vendo vir a espada em alto erguida,  
 Filho, com hum grito meu te avisaria.  
 Ou recebéra o golpe nesta vida,  
 Metendome no meio, & tu viverás,  
 Fartara de meu sangue esse homicida.



Ay filho, meu amor, que tu só eras .  
Quem com tua vida alegre algum descanso  
A meu viver cansado dar puderas.  
E tu serás também quem manço a manço  
Me acabarás a vida, que eu queria  
Sem ti ver acabada de hum só lanço.  
E vós também mulheres, que paristes  
Ajudaime a chorar, porque em mal tanto  
Não satisfazem só meus olhos tristes.  
Assi com grave dor de canto a canto  
Até nos coraçoes de mór dureza  
Soa hũa voz confusa, hum amargo pranto.  
O tu, honra, & primor da natureza,  
Illustre, & fermosissima Maria,  
Não trates mal, senhora, tal belleza!  
Pois só custodia es, donde alegria  
Defunta, & tal chorada em dia amargo  
Resurgira em outro alegre dia.  
Que a ti deu o movedor do mundo o cargo  
De alegrares a mãy chorosa, & triste,  
Que alegre vivirá por tempo largo.  
Posto que a dor do irmão muito sentiste  
Não destruas as lindas tranças bellas,  
Pois o remedio nisso não consiste.  
Não trates malas nitidas estrellas  
Dos olhos teus com lágrimas ardentes,  
Pois tem mais resplendor que todas ellas.  
Não offendas as faces refulgentes,  
Obra de Deos, com mão despiadosa,  
Da patria honra, se louvor das gentes.  
Mas vai com doce voz, branda, & amorosa  
Consola a triste mãy desconfolada  
Com tua vista alegre, & rão fermosa.

Prometelhe, que em si resuscitada  
Verá sua alegria já perdida,  
De todos tão sentida, & tão chorada.  
Pois teu remedio está só em sua vida,  
Que haja de ti materna piedade,  
Não dê tanto lugar à dor crecida.  
Bem se permite a fraca humanidade  
Por filho tal, & tanto tempo ausente  
Hum moderado pranto, hũa saudade.  
Mas tão continua dor, que espante a gente,  
E poem em tal estremo a vida amada,  
Nã o mundo o quer, nẽ Deos nã o cõsente.  
Nã foi a morte de Heitor sempre chorada  
Da triste mãy, que alem de filho amado,  
Era por ellesõ Troya amparada.  
Mas já depois de morto, & arrastado  
Com Grego applauso, vozes, & alarido,  
O corpo houve às mãos desconjuntado.  
Perdida a cor, o collo recaído,  
Nã parecia Heitor, que dantes era,  
De pò, de sangue, & de suor tingido.  
Com seus olhos lavoulhe a chaga fera,  
Com suas mãos o rosto lhe alimpava  
Sem alma, & sangue, já de cor de cera.  
Mas vendo em fim quão pouco aproveitava  
Seu choro, & nẽ por mais q em vão bradãdo  
Chamava Heitor, Heitor resuscitava.  
Delagrmas os olhos enxugando,  
Desenganada já do Filho amado  
Se foi com a amada filha consolando.  
Nem sempre o fero Achilles foi chorado  
De Thetis sua mãy, do branco coro,  
Princepe Grego tão affinalado.

Tambem pagou à morte o antigo foro,  
E à Deosa não valeo ser prevenida,  
Nem suspiros valêrao, nem seu choro.  
Tambem a este acabou mortal ferida,  
Sendo meio immortal, & filho amado  
Da Deosa de Nereo tão querida.  
Nas agoas de Acheronte foi banhado,  
Porque em batalhas, como o fero Marte,  
Do ferro não pudesse ser cortado.  
Mas a agoa não chegou àquella parte,  
Que esquadrinhou a setta aguda, & forte,  
Que contra ella não val engenho, & arte.  
Chorarao as Gregas gentes sua morte,  
Os Phocas, & Delphins rambem chorarao,  
Chorou do gram Nereo toda a corte.  
Tantas lagrimas tristes derramarao,  
Tanto chorou a mãy, que muito o amava;  
Que o Xanto, & o Simois acrescentarao.  
Mas vendo que o chorar não aproveitava,  
E que era dor perdida, & desatino,  
Os seus fermosos olhos alimpava.  
E com alegre rosto de ar benino  
O Ceo, a Terra, o Mar, tudo alegrando,  
E os cidadãos do Reyno cristalino:  
Os seus verdes cabellos espalhando  
Ao vento, de mil Ninfas rodeada,  
Tornando a vista atraz de quando em quando.  
De Pausilipe, & Oricia acompanhada,  
De Doris, Menalipe, & de Melento,  
Se foi para Nereo consolada.  
Deixai pois ja, senhora, o amargo pranto,  
A pena, a dor, o mal, que tanto crece,  
E dai lugar ao meu inculto canto.

Com grão difficuldade se offerece

A grandes desventuras taes como esta,

A darlhe iguaes palavras, quaes merece.

Por tanto eu senhora, agora nesta

Naõ as hei de buscar por consolarte,

Que aos tristes consolar só a razão presta.

Tambem seraõ perdidas nesta parte

Consolaçoens, que em choro de amargura

Força naõ tem, por mais que tenham d'arte.

Se as lagrimas naõ vence a razão pura,

Fortuna sempre a outras acrescenta,

Guardete Deos de mór desventura.

Naõ digo, que a alma esté de magoa izenta,

Porque humano he sentir, mas he fraqueza,

Naõ sofrer o que Deos nos apresenta.

Naõ he este mundo a nossa natureza,

Estrada si, por onde caminhamos,

Pretendendo chegar á Summa Alteza.

Neste caminho hum passo estreito achamos,

Morte se chama horrenda, & desabrida,

Divida, que Adam fez, & nós pagamos.

A todos he commum esta partida,

Quem morre, naõ morreo, partio primeiro,

E o que ha depois da morte he eterna vida.

Todo animal que nasce está foreiro

A passar este passo estreito tanto,

Todos lá havemos de ir por derradeiro.

Deixa, senhora, deixa o amargo pranto,

Teu filho está no Ceo resplandecente,

Ja entre os Cidadãos do Coro santo.

Nossas memorias tristes não as sente,

Ja livre, & de theatro está olhando

Com olhos immortaes a immortal gente.

Da

Da Viſão Beatifica gozando,  
Sem medo, ou sobrefalto de perdella  
O mundo, & ſeus aſagos desprezando.  
Dalli contempla de hũa, & de outra eſtrella,  
Ou fixa, & errante, o curſo, & movimento,  
Tendo, ſem ſe mover, os pês ſobre ella.  
Veloz, qual o ligeiro pensamento,  
Paſſa de polo a polo, & o Ceo conhece  
Que ſeu caminho faz com paſſo lento.  
E porque o mar continuo miugoa, & crece,  
Comprêde, & a quinta eſſencia pura, & neta,  
E com que luza a Lua reſplandece.  
Nem nos eſpanta no ar qualquer cometa,  
Os pontos ſabe de hum, & de outro ſigno,  
Por onde faz ſeu curſo o graõ Planeta.  
Hum Anjo novo: tens, ſanto, & benino,  
Vive ſenhora alegre, & conſolada,  
Que por ti roga ao Padre de continuo.  
O alma pura em alto alevantada,  
Que là eſtás neſſe Ceo luzente, & claro,  
Deſta mortal priſão ja deſatada.  
O ſenhor meu Dom Telo, amigo charo,  
Quando terreno Sol, onde viveſte  
Te arrebatou ſem tempo o tempo avaro.  
Se ao paſſar de Lethe não perdeſte  
A memoria de mim, que tanto te amo,  
E por intimo amigo me tiveſte.  
Com attenção eſcuta o meu reclamo,  
Não desprezes de ouvir là deſſa altura  
A baixa, & rouca voz, com que te chamo.  
Que quando concedido da ventura  
Me for o que eu por ti agora peço,  
Não borrrará o teu nome a fama eſcura.

Em tanto as baixas Rimas te offereço  
 En penhor da vontade, & amor profundo,  
 Até cumprir o que hora aqui profeco.  
 Que então te cantará por todo o mundo,  
 Com linguas mil a fama soberana,  
 E occupará teu nome sem segundo  
 Do patrio Tejo alem da Taprobana.

## ELEGIA III.

*A bñã Dama.*

**N**ÃO me julgueis, senhora a atrevimento  
 No que me faz fazer hum mal tão forte,  
 Que não me basta nelle o sofrimento.  
 Que tal me traz ja agora minha sorte,  
 Que me faz buscar vossa crueldade,  
 Donde só por remedio espero a morte.  
 Não vos pude callar esta verdade,  
 Porque força não tem poder humano  
 Contra outro, que não tem humanidade.  
 Amor, que tudo faz para mór dano  
 Me deu o mal, levou-me o sofrimento,  
 Ah duro Amor, cruel, & deshumano.  
 Não vos lembre, senhora, meu tormento,  
 Que este bem o merece a ousadia  
 De eu empregar em vós meu pensamento.  
 Lembrovos hum amor, que cada dia  
 Em mim tão verdadeiro, & firme crece,  
 Que alheio me traz ja do que sohia.

**Não**

Naõ peço que o pagueis, como merece,  
Que naõ mereço eu tanto, mas só peço,  
Que por mim naõ cuideis que desmerece:  
Porque se só por si he de tal preço,  
Que a suprir basta seu merecimento  
Quanto eu de minha parte desmereço.  
Bem vejo que em tomar o sofrimento  
Para viver, melhor remedio fora,  
Que hum taõ desordenado atrevimento.  
Mas eu, que do viver menos, ja agora  
Que de todo á livro, pois crescendo  
Vaõ com a vida os males cada hora.  
Vos quiz manifestar meu mal, sabendo  
A quanta desventura se aventura,  
Quem prètende fazer o que eu pretendo.  
Quizesse, ó oxalá, minha ventura,  
Que castigasseis vòs esta ousadia  
Com hũa cruel morte triste, & dura.  
Que naõ seria morte, mas seria  
Hum suave remedio doce, & brando.  
Destte mal, que me mata cada dia.  
Atè quando, senhora, & atè quando  
Terà lugar em vòs vossa crueza,  
E a morte naõ em mim, q a estou chamãdo?  
Abrande meu amor vossa dureza,  
Que esta alma em si trã, forma com tal cura,  
Que ja naõ he amor, mas natureza.  
Abrande ja hũa vida, em que só dura  
A alma, porque veja, & exprimente,  
Que naõ tem fim a grão desventura.  
Abrande ja hũa dor, que juntamente  
A vida penetrou, & a alma triste,  
Elhe roubou o estado seu contente.



Mostrai vos poderosa em quem resiste

Em desobedecer, ou enojar vos,

E não ja contra quem vos não resiste.

Em quem cuidar que digno foi de amar vos,

Mostrai vosso poder, pois o merece,

Em mim não, q' o não sou tão só de olhar vos

Attentai por hũa alma, que se esquece

De si, porque em vós poz sua lembrança,

E tal, que em nehum tempo desfallece.

Nem fesperto que possa aver mudança,

Num coração, que mais que a si vos ama,

Dailhe ja morte, ou vida, ou esperança,

Que tudo será gloria por tal dama.

*Traducção dos Versos Propheticos da  
Sibilla Eritbrea, que refere Santo Ago-  
stinho l. 18. c. 23 da Cidade de Deos, nos  
quaes pellas primeiras letras se lem  
Iesu Christo Filho de Deos,  
& Salvador.*

**I**Uizo estremo, horrifico, & tremendo,

E Juiz sempiterno, alto, & celeste

Significará a terra humedecendo.

Vercha nella hũa suor, que manifeste

Como em carne virá Deos, a quem veja

O credulo, & incredulo terrestre.

Rey justo, que almas, & que corpos veja

Juiz será, quando este mundo inculto

Sobre espinhos crucis deitado seja.

*Todo*



Todo o vao simulacro, & rico culto  
 Ousará engeitar a gente, & guerra  
 Fará co' mar o fogo, & cru' tumulto.  
 Immenſa a luz, que as carnes deſenterra,  
 Lançará fóra as portas vãs do Ayerno;  
 Os juſtos ſeus levando à ſanta terra.  
 Outros, que ſão os maos, no fogo eterno  
 Deitará, deſcobrindoſe os ſegredos,  
 E ſendo claro todo o feito interno,  
 Deſfarſcha a terra, os montes, & os penedos,  
 E ſerá tudo pranto, & eſtridor duro,  
 Obras de grande dor, & triftes medos.  
 Será tornado o Sol de todo eſcuro,  
 E deſtruida a machina do mundo,  
 Sem luz a Lua, Eſtrellas, & Orbe puro;  
 Altos ſerão os valles, & em profundo  
 Lugat ſe abaixaráo os altos montes,  
 Verſeha no mar o vento furibundo.  
 Haverá ſo de fogo vivas fontes,  
 Da trombeta medroſa o ſom terribel  
 Ouvido fará pâllidas as fronteſ,  
 Reſponderá dos maos gemido horribel.

A. B. C. *Feito em moſtes.*

A. A. A. A.

**A** Nna quizeſtes que ſoſſe  
 O voſſo nome da pia  
 Para mór minha agonia.  
 Apelles ſe fora vivo,  
 E a vervos alcançára,  
 Por vós retratos tirára.

D

Achilles

## III. PARTE DAS RIMAS.

Achilles morreo no templo  
 Contemplando de gíolhos;  
 Eu quando vejo esses olhos;  
 Artemisa sepultou  
 A seu irmão, & marido;  
 Vós a mim, & a meu sentido.

B.

B Em vejo que sois senhora  
 Estremo da fermosura,  
 Para minha sepultura,

C. C.

C Leopatra se matou;  
 Vendo morto a seu amante;  
 E eu por vós em ser constante.  
 Cassandra disse de Troya,  
 Que havia ser destruida,  
 E eu por vós d'alma, & da vida.

D. D.

D Ido morreo por Eneas;  
 E vós mataes quem vos ama;  
 Julgai se sois cruel dama,  
 Dianira innocente,  
 Da mã morte causadora,  
 Vós da minha sabedora.

E. I

**E** Uridice foi a causa  
De Orpheo hir ao inferno;  
Vós de ser meu mal eterno.

F. F.

**F** Edra fô de puro amor  
Morreo por seu enteado;  
Eu morro de desamado,  
Febo vai escurecendo  
Ante vossa claridade,  
E eu sem ter liberdade.

G. G.

**G** Alatea sois senhora;  
Da fermosura estremo;  
E eu perdido Polyphemo;  
Genebra, que foi Rainha,  
Se perdeo por Lançarote,  
E vós por me dar a morte.

H. H.

**H** ercules, hũa camisa  
De chamas, o consumio;  
Minha alma desque vos vio;  
Hebis, & Dido morrêrão  
Com o rigor da mudança;  
Eu vendo vossa esquivança;

D a

Judic

## I. I.

**I**udith, que o duro Holofernes  
 Degolou, se viva fora,  
 Mate lhe dereis senhora.  
 Iulio Cesar conquistou  
 O mundo com fortaleza,  
 Vós a mim com gentileza.

## L. L.

**L**eandro se afogou,  
 E foi sua causa Hero,  
 E a mim o que vos quero.  
 Leandro se afogou  
 No mar de sua bonança,  
 Eu no de vossa esperança.

## M. M.

**M**inerva dizem que foi,  
 E Pallas Deusas da guerra,  
 E vós, senhora, da terra.  
 Medêa foi mui cruel,  
 Mas não chegou a metade  
 De vossa gram crueldade.

## N. N.

**N**arciso o siso perdeu  
 Em vendo a sua figura,  
 Eu por vossa formosura.

Nim:

DE LVIS DE CAMOENS.

41

Nimphas enganaõ mil Faunos,  
Com seu ar, & fermosura,  
E a mim vossa figura.

O. O.

**O** Solhos choraõ o dano,  
Que em vos verem sentirão,  
Mas eu pago o que elles vlrão,  
Orpheo com a doce Arpa  
Venceo o reyno de Plutaõ,  
Vós a mim com perfeição.

P. P.

**P**aris a Helena roubou,  
Por quem Troya foi perdida,  
E vós a mim alma, & vida,  
Pyrrho matou Policena,  
Perfeita em todos sinas,  
E vós a mim me mataes.

Q. Q.

**Q** Vanto mais desejo vovos,  
Menos vos vejo senhora,  
Não vos ver melhor me fora,  
Querendo ver a Diana,  
Acteon perdeu a vida,  
Que eu por vós trago perdida.

Dj

Reme

R. B.

**R**emedio nenhum não vejo;  
Que remedee meu mal,  
Nem crueza á vossa igual,  
**R**omão mundo, fogeita  
Com armas, saber, temor,  
Vós a mim só por amor.

S. 1

**S**erena na mão Fortuna  
Com enganos vai cantando  
E vós sempre a mim matando!

I. I

**T**Hisbe morreo por Pyramo,  
A ambos matou o Amor,  
A mim vósso disfavor.  
**T**hisbe pello seu amante  
Morreo com ar e sobejo,  
Mas eu mais morto me vejo.

V. V.

Venus, que por mais fermosa,  
 Lhe deu Paris a maçã,  
 Não foi quanto vós louçã,  
 Venus levou a maçã,  
 Por vós não serdes senhora  
 Nacida naquella hora.

2 A C X I X T 2 E

**X**Pô vos acabe em graça,  
 E vos faça piedosa,  
 Tanto, quanto sois fermosa.  
 Xantopea tornou atrás,  
 Por Aponio a invocar,  
 E vós não a meu chamar.

**J**ulio Cesar se livrou  
 Dos inimigos com abrolhos,  
 Eu não posso desses olhos,  
 Jaziasê o Minotauro  
 Preso no seu laberinto,  
 Mas eu mais preso me sinto.

De fôrto carão  
 De fôrto carão  
 De fôrto carão  
 De fôrto carão  
 De fôrto carão  
 De fôrto carão  
 De fôrto carão  
 De fôrto carão  
 De fôrto carão  
 De fôrto carão

## ESTANÇAS

Na medida antiga, que tem duas con-  
trariiedades, louvando, & des-  
louvando huma

Dama.

SOis hũa dama De graõ merecer,  
Das feas do mûdo sois bem apartada,  
De toda a má fama andaes alongada  
Sois cabo-prôfundo do bempoecer.  
A vossa figura Bem claro mostraes  
Não he para ver em vós fealdade,  
Em vosso poder não ha hi maldade,  
Não ha fermosura, que não precedaes,

Soistes dotada De fresco caraõ,  
De toda a maldade, vos vejo ausente,  
Perfeita beldade em vós he presente  
De vós he tirada a má condiçaõ.  
Sois muito acabada Em ter perfeiçaõ  
Detacha, & de glosa mui alhea estaes,  
Pois quãto a fermosa mui muito alcançaes  
Em vós não ha nada De pouca razaõ.



## M O T T E.

*Catherina bem promete,**Ora nã, como ella mente.*

1. **C**Atherina he mais fermosa  
 Para mi, que a luz do dia,  
 Mas mais fermosa seria,  
 Se não fosse mentirosa:  
 Hoje a vejo piedosa,  
 A menhã tão differente,  
 Que sempre cuido que mente,  
 2. Promete-me ontem de vir,  
 Nunca mais appareceo,  
 Creio que não prometeo,  
 Senão só por me mentir:  
 Fez-me em fim chorar, & rir,  
 Rio, quando me promete,  
 Mas choro quando me mente.  
 3. Jurou-me aquella cadella  
 De vir pella alma, que tinha,  
 Enganou-me, & tinha a minha,  
 Deulhe pouco de perdella:  
 A vida gasto apoz ella,  
 Porque ma dá, se promete,  
 Mas tirama, quando mente.  
 4. Má, mentirosa, malvada,  
 Dizei, porque me mentis,  
 Prometeis, & então fugis,  
 Pois sem tornar, tudo he nada:  
 Não sois bem aconselhada,  
 Que quem promete, se mente,  
 Q que perde não o sente,

Tudo

- 5 Tudo vos consentiria  
Quanto quizeis fazer,  
Se este vosso prometer  
Fosse pormeter hum dia;  
Todo entao me desfaria  
Com gosto, & vds de contente,  
Zombarieis de quem mente.
- 6 Mas pois folgaes de mentir,  
Prometendo de me ver,  
Eu vos deixo o prometer,  
Deixai-me vós o servir;  
Haveis entao de sentir  
Quanto a minha vida sente  
O servir a quem lhe mente.
- 7 Catherina me mentio  
Muitas vezes, sem ter lei,  
E todas lhe perdoei  
Por hũa só que cumprio:  
Se como me consentio  
Fallar-lhe, o mais me consente,  
Nunca mais direi que mente.

## M O T T E.

*Sem vós, e com meu cuidado!*

## G L Ó S A.

**Q**uerendo Amor escondervos,  
Em parte que vós não visse,  
Com extremos de querervos,  
Cegou-me os olhos com vossos  
Levou-os, sem que os visse.

DE LVIS DE CAMOENS,

51

Eu cego, mas arinado,  
Quando vi que vos não via;  
Do mesmo Amor indignado,  
Ja vedes qual ficaria  
Sem vós, & com men cuidado.

M O T T E.

*A alma, que está ofrecida  
A tudo nada lhe he forte,  
Assi passa o bem da vida,  
Como passa o mal da morte.*

G L O S A.

**D**E maneira me succede,  
O que temo, & o que desejo,  
Que sempre o que temo, vejo  
Nunca o que a vontade pede.  
Tenho tam offerecida  
Alma, & vida a toda a sorte,  
Que isso me dera da morte,  
Como ja me dà da vida.

M O T T E.

*Ferro, fogo, frio, & calma  
Todo o mando acabar dõ,  
Mas nunca vos tirarão  
Alma minha da minha alma.*

G L O S A.

**N**ÃO vos guardei quando vinha  
Em torte, fôrça, ou engenho,  
Que mais guardada vos tenho  
Em vós, que sois alma minha.

AUH

## III. PARTE DAS RIMAS

Alli nem frio, nem calma,  
 Não podem ter jardião,  
 Na vida sim, porèm não  
 Em vós, que tenho por alma.

## MOTTE.

*Esperai, ja não espero  
 De mais vos servir senhora,  
 Pois me fazeis cada hora  
 Tanto mal, que desespero.*

## GLOSA:

**P**Ois sei certo que folgaes,  
 Quando mais mal me fazeis,  
 E que nunca descançaes,  
 Senão quando me mostraes  
 Quão pouco bom me quereis.  
 Servirvos mais não espero,  
 Pois meu viver empeora,  
 Com me fazeres, senhora,  
 Tanto mal, que desespero.

## ELEGIA IV.

**N**ão porque de algum bem tenha esperança  
 Vos escrevo meu mal em tal estado,  
 Que sei, que em vós fará pouca mudança.

Mai

DE

Mas ja perd

Para rem

Elperar

O que não

O que la

Bem me

Pois onde

Percaõ

Que pe

Sempre d

Não q

Hua el

Faziame

A raz

E de

Que olh

A do

De c

Amor

Qu

M

Não d

O

Q

Pella

L

V

O q

V

A

Mas ja perdido, triste, & magoada  
Para remedio tomo escrever dores,  
Elperar de vòs outro he escusado.  
O que não faz Amor em meus amores,  
O qûe lagrimas tristes não fizeraõ.  
Bem menos o faraõ causas menores.  
Pois onde as mais tẽgora se perdẽraõ,  
Percaõse estas palavras de meu ser,  
Que pouco me doem ja, ja me doeraõ.  
Sempre deste meu mal tive sospeita,  
Não que de todo em todo me faltasse  
Hũa esperança vãa em fim desteita.  
Faziame o desejo que e sperasse,  
A razãõ dontra parte, que temesse,  
E de esperanças vãas não confiasse.  
Que olhasse, que por ellas não perdesse  
A doce liberdade, o riso, o canto,  
De que depois em vão me arrependesse.  
Amor, que tudo pôde, pode tanto,  
Que para ver o mal em que me vejo,  
Me não deu olhos mais que para pranto.  
Não curei a razãõ, segui o desejo,  
Outras cousas segui, de qualidade,  
Que choro, & callo, por não ser sobejo.  
Pella vossa neguei minha vontade,  
Logo como vos vi, no mesmo ponto  
Vos entregou a vida a liberdade.  
O que passou depois, não vo lo conto,  
De que serve contar cousas sobejas,  
A quem lhe soube dar hum tal desconto.  
Ah esperanças minhas, ja perdidas,  
Agora, para mais ter que contar,  
Soube que fostes vãas, fostes fingidas.

Em que posso, ou que deuo hoje esperar,  
 Onde acharei de novo outros enganos,  
 Que possaõ desenganos enganar.  
 Mas he vento cuidar enganar danos,  
 O triste, que nem na alma tem alento?  
 Tem seu remedio só no fim dos annos.  
 Já não espero ver contentamento,  
 Perdi quanto esperei numa (só) hora,  
 E não perdi em muitas o tormento.  
 E sobre tantas perdas, inda agora,  
 Que esperava de vós a vós queixarme,  
 Não mo consente Amor, que na alma mora.  
 Poemse diante, a fim só de estorvarme,  
 Que vos offenderei, mostrando aqui,  
 Que tanta se pagaes com maltratarme.  
 E então este temor deixame assi,  
 Alem de magoado, frio, & mudo,  
 Repêndido de quanto escrevi.  
 Cousas de vosso gosto ainda oudo,  
 Como se não cuidasse, o que não creio,  
 Não perder isto, como perdi tudo.  
 Mas vasse o medo já, pois que já veo  
 O desengano, sem se ter sabida,  
 Que a certeza podia ter receo.  
 Agora não me dá perder a vida,  
 Nem a dave recear quem a despreza,  
 Mata-me, se de mim seis offendida.  
 Senão mateme já minha tristeza,  
 Que este só bem me fica, este me val,  
 Se mo não estorvar vossa crueza.  
 Quem se não espantará, vendome tal!  
 Temer, que o triste fim, que me ordenastes,  
 Mo negueis por remedio de meu mal.

Entre

DE  
 Entre silve  
 Pois da  
 Crueza  
 Quantas l  
 Quanto  
 Se vos  
 Tremia d  
 Abran  
 Que se  
 Mas mu  
 De tu  
 Por o  
 Vida pa  
 Mor  
 Me  
 Porqu  
 Be  
 Se  
 Por i  
 E  
 M  
 Aca  
 P  
 A  
 Ac

Entre silvestres feras vos criastes,  
Pois dais por galardão do que esperava-  
Cruezas defuzadas do que usastes.  
Quantas lagrimas triste derramava,  
Quantos suspiros dava noite, & dia,  
Se vos não via, & em quanto vos olhava.  
Tremia diante vós, ausente ardia,  
Ablandava este mal ter para mim,  
Que sentia meu fogo essa alma fria.  
Mas muito differente foi o fim  
De tudo o que cuidava no começo,  
Por onde de hum mal noutro, a tantos vim.  
Vida para tal vida não vos peço,  
Morte para tal morte qual me mata  
Me podeis dar, que bem vo lo mereço.  
Porque com a dor a lingua se defata,  
E com gritos vos chama, & com razão  
Sem fé, desamoravel, cruel, ingrata.  
Por isso acabai já vossa tenção,  
Fartai, senhora, já vossas cruezas  
No sangue desse triste coração.  
Acabai de acabar tantas tristezas,  
Pois acabastes já vãs esperanças,  
Acabem já também minhas firmezas.  
Acabe a vida, acabatão lembranças,  
Mas tudo está por vós tão acabado,  
Com muitas em mim as confianças,  
Que tanto me trouxerão enganado.

## ELEGIA V.

**F**oime alegre o viver, já me he pezado,  
 Que do contentamento que sentia  
 A minha custa estou defenganado,  
 Ao regaço da morte a dor me guia,  
 Porém, porque com vida mais me mata,  
 Dilatandoma vai de dia em dia.  
 Mandame Amor fugir da morte ingrata,  
 Pois não sofre limite em vós amor)  
 Que elle os laços ordena, elle os desfata.  
 Lancei contentamentos a voar,  
 Tarde os espero ver, que he seu costume  
 Ter azas ao fugir, freyo ao tornar.  
 O pensamento posto em alto cume,  
 Para sacrificar-se à vossa vista,  
 No coraçãõ me guarda eterno lume.  
 Com o pensamento os olhos tem conquista,  
 Pois sempre em vós está, porque os não leva,  
 Que elle muro não tem, que lhe resista.  
 Ainda que minha alma em vós se enleva,  
 Em todo tempo não deixa de arder,  
 Quando o môte arde é calma, ou quando neva;  
 Vivei cuidados em quanto eu viver,  
 Ou porque em sombras vossas sempre viva,  
 Ou porque me apresseis para morrer.  
 Vontade minha, sempre sois cativa,  
 Meu pensamento, nunca sois mudado,  
 Flamma de amor, sereis sempre em mi viva.

DE  
 Suave cati  
 Brande  
 A fim d  
 Nunca ne  
 Falteis  
 Sem qu  
 Senhora,  
 Lança  
 Que d  
 Armada  
 Traz  
 No r  
 Mostro  
 Pag  
 Que  
 Atant  
 Nu  
 Ma  
 No p  
 N  
 C  
 Em  
 C  
 C  
 Mo  
 C  
 Y  
 Fo  
 C



Suave cativeiro, doce estado,  
Brando fogo de Amor, que em vós guardaes  
A fim de meu desejo retratado.  
Nunca nesta alma minha, aonde estaes,  
Falteis, porque então falta a esperança,  
Sem quem me falta a vida muito maes.  
Senhora, em cujo peito odio, & mudança  
Lanção fora o Amor, & sua firmeza,  
Que daes esquecimento por lembrança.  
Armada dos espinhos da crueza,  
Trazéis por apparencias a brandura  
No rosto, a qual o peito pouco preza.  
Mostrou-me hum leve bem minha ventura,  
Pagueyo logo com longo tormento,  
Que o gesto foge sempre, & a pena dura.  
A tanta dor hum leve sentimento  
Nunca em vós pude ver, quão em vão digo;  
Mais mudavel que o vento o dais ao vento.  
No principio meu Fado me foi amigo,  
Naveguei pello mar deste desejo,  
Que leva de hum perigo a outro perigo.  
Em vós he pouco o amor, em mim sobejo,  
Cresce em mim, falta em vós, & de maneira,  
Que de quanto em vós vi, já nada vejo.  
Mostrou-se-me o tormento na primeira  
Com rosto alegre, para que o seguisse,  
E lancei-me ao seguir nesta cegueira.  
Fortuna, porque quiz, que eu o sentisse,  
Mostrase, por mostrar qual dentro era,  
Eu choro meu engano, & ella risse.  
Quem em contentamentos vãos espera,  
Espere cedo de defenganarse,  
Que tem breves limites sua espera.

Porém quem ha, que mais queira livrar-se

De tão doce prisão, ou quem deseje

Dos nós desses cabellos desfatar-se.

Os olhos, a quem as luzes tem inveja,

Que em vós o Amor de amor tẽdes vécido;

Quem ha que vos não ame, & vos não veja.

Ro sto fermoso, em quem està esculpido

O mór bem, que se pôde ver na terra,

Quem ha não queira ser por vós perdido?

Olhai, senhora, as horas apressadas,

Que vem cobrindo o ouro dos cabellos

De neve, & torna as rosas descóradas.

Ireis ver ao cristal os olhos bellos,

E ja os não vereis quaes dantes eraõ,

Pois quaes entaõ seraõ, não queiraes vellos?

Usai dos bens, que vão como nascêraõ,

Olhai, que tudo desce de alto estado,

Que também os prazeres meus deceram;

Mas não descerá nunca meu çuidado.

## ELEGIA VI.

Nunca hum appetite mostra o dano

Antes de ser de todo effetuado,

Mas no fim vem mostrar o desengano.

Dureza a causa, & eu desesperado,

Pello que imaginou o pensamento,

Ando por esta serra desterrado.

Es palhando a voz ao leve vento,

Delle sò consolado, delle ouvido,

O faço sabedor de meu tormento.

Que

Que monte ha, que não tenha ja movido,  
Que aspera montanha, ou roca dura,  
A força de meu mal não merecido.  
Nas duras pedras achase brandura,  
Falta nesse cruel humano peito,  
Quem vio nunca mayor desaventura!  
Pouco pôde em ti amor perfeito,  
Quando de hum movimento vive indigno,  
Que ja mais se negou a hum fogeito.  
Da ventura, de vós, de meu destino,  
Pois todos contra mim são conjurados,  
Este valle farei de meu mal digno.  
Co elle a noite, & o dia meus cuidados  
Passarei em acerba, & longa vida  
Em queixas, & em suspiros defusados.  
Porque sei que serás disso servida,  
Não deixarei dos montes a dureza,  
Até tua vontade fer movida.  
Aqui me sobirei na mór alteza  
Da ferra, onde logo contemplada  
Será tua perfeição, tua crueza.  
A alma em ti sô prompta, & occupada  
Estando de tormento esquivo, & duro.  
Oprimida será de ti levada.  
Discorrendo hum passo, & outro escuro,  
De mal em mal, de hum em outr'õ dano,  
A paga tal verá de hum Amor puro.  
E vendo aqui tão claro o defengano,  
Cos olhos feitos fontes mudará  
Lugar tão infelice, & deshumano.  
E o que mór tormento lhe dará  
A lembrança de algum contentamento,  
Que inda que pequeno, magoará.

Fará por divertir o pensamento  
 Desta parte tristiſſima mudando  
 Hũa lembrança chea de tormento,  
 Alli algum eſpaço porfiando,  
 Tendo por impoſſivel eſquecerte,  
 Ficarà ao vento vozes dando.  
 Alli ſe queixará de conhecerte,  
 Alli dura, cruel, deſpiedosa  
 Dirá: Dize, que podes ja moverte.  
 Mais que Venus (dirá) dize, fermosa,  
 Quando neſſa belleza pura, & rara  
 Se verà hũa hora piedosa.  
 Alli dirá, cruel, & quem cuidara  
 De hum eſpirito tão reſplandecente  
 Tão ſeta condiçãõ, & tão avara.  
 Alli vivera triſte, alli auſente,  
 O coſtumado mal por ſi ſofrendo,  
 De o quererſ tu tanto contente,  
 Como o mundo eſtá ja conhecendo.

## ELEGIA VII.

**L**A ſierra fatigando de continuo  
 Los paſſes vagaroſos voy moviendo,  
 Perdiendo de la vida todo el tino,  
 De mis ſuſpiros triſtes no pudiendo  
 El alma apartar, y el penſamiento  
 De aquella por quien yo eſtoy muriendo  
 Que aunque la auſencia es grave tormento,  
 Que te olvide en ello es impoſſible,  
 Que con amor no puede apartamiento.

Veote con spirito invisible

En el muy vivo tengo aquel menço

Tau fiero para mi, y tan terrible.

Todo lo màs alegre triste veo,

El fresco valle, el monte, la espessura,

La clara fuente enoja aun el deseo.

El dia se me buelve en noche escura,

No puede amanecer de dõ ausente

Tus claros ojos son, de tu hermosura.

Permitte ya, señora, que presente,

Do quiera que tu luz es detenida

Sean el alma, y vida juntamente.

En tu servicio allí prompta la vida

Pornè en alma sola en contemplarte,

Aunque me seas siempre endurecida.

El mal què hazes dulce en toda parte,

Sabroso es el tormento, yo lo quiero,

Pues es tu voluntad no ablandarte.

Que quando una hora venga, que no espero,

Piedosa, y blanda más que las passadas,

Y me quieras oir, viendo que muero.

Las tristes no seran de mi dexadas,

Que no sabrè vivir sin el estado

De penas, tanto tiempo ya provadas.

Hablo como furioso, y transportado,

Pido lo que me es màs enojoso,

Holgando de me ver tan olvidado.

Quien fatigado es, no dà reposo,

Que sufras con paciencia te conviene,

Las quexas del, que a si se es odioso.

Al tiempo que bolando ya más viene

Mis desusadas bozes encomienda,

Que assi la triste voz en ti detiene.

La fuerza del dolor ninguna emienda  
 Puede tomar en mí, que satisfaga  
 Lo menos que la queixa en mí te ofenda.  
 Incurable parece una llaga,  
 Y lo es, que reciba de tú mano,  
 No quiera Amor, que yo jamás deshaga  
 Su voluntad en esto, que es en vano.

## ELEGIA IIX

**D**E peña en peña muevo las passadas,  
 La tristíssima voz al ayre dando  
 Voy cantando mis queixas desusadas:  
 Incierto en el camino, que pisando  
 De un monté esquivo, al otro me encamina,  
 En medio dél estoy en tí pensando,  
 Origoroso passo, y quan indigna  
 El alma veo aquí de sola una hora  
 Poder en tí pensar cosa tan digna.  
 Si el alma aun no es merecedora  
 Puríssima, y perfecta, y que me puede  
 De esperanza quedar en tí, señora?  
 Mas que puedo querer, Fortuna rue de,  
 Llevandome de un triste en otro estado,  
 Y si esta voluntad un bien no quede,  
 En mí no vive ya, es transformado  
 En tí, el triste espirito, que tenia  
 De tí sola se quiere ver mirado.

Que

Que aunque en fatigas passe noche, y dia  
De tu mano se viesse, ó en passo estrecho  
La firme voluntad no mudaria.

Y si por realza un blando pecho,  
Que tanto tiempo fue endurecido  
Quisiese ya mostrar un nuevo hecho.

Adó me llegaria aquel sonido  
De tu nueva mudança, y mi ventura,  
Al eco, al valle, al monte empedernido.

Dò no se cantaria tu blandura,  
En que region estraña, ó nueva parte  
Quedara por loar a tu hermosura.

Quien no pusiera estudio, ingenio, y arte,  
Y quando todo nõ, mucho dixiera,  
Mostrando que cupiera en ti ablandarte.

Que roble, que leon, que tigre huviera,  
Que aspera montaña intratada,  
Que mis mudadas voces no oyera.

Mas no quiere Amor, que la usada  
Quexa, en estas sierras esparzida  
De tanto tiempo ya sea dexada.

Ni tu querràs que yo dexe la vida,  
Para me dar tormento aun más fiero,  
Ni con tan luenga usança interrumpida.

Cada hora más aspera te elpero,  
Que vengas pido, el mal sea más duro,  
Que el que puedo sufrir, ya no lo quiero.

Pruevase este amor perfecto, y puro  
En fatigas mayores, en crueza,  
Quanto fuere mayor, es más seguro.

Excedes en las fieras en dureza,  
Quando se ha visto en esta pura, y rara  
Gracia, del duro monte la aspereza.



De los bienes que puedes dar avara,  
 Al que puedes dar vida y por ti pena,  
 Pues niegas lo que el mundo no pensara,  
 Haze en tu voluntad, como ella ordena.

# ELEGIA

Ao illustre senhor Pedro da Sylva.

**I**llustre, & nobre Sylva descendido  
 Do gram filho de Anchises valeroso,  
 Por armas, & por sangue esclarecido.  
 Que como forte, ousado, & piedoso  
 Aas costas salvou o pay de longos annos,  
 E o filho pella mão tenro, & mimoso.  
 E os Penates, que tinham os Troyanos,  
 Tirou no mór conflicto da Cidade,  
 Em que Gregos fizeram tantos danos.  
 Crescendo foi de hũa em outra idade  
 Esta illustre progenie generosa  
 Em virtude, valor, honra, & bondade.  
 Até chegar à nossa tam ditosa,  
 Pois nelle o Ceo a ti Sylva nos deu,  
 Que a fazes com tuas obras mais fermosa.  
 Aonde o inclito Rey de motu seu,  
 Movido pello Spirito, que o guia  
 A mayores proefas, que a Theseo.  
 Pellas partes, que em ti ja conhecia,  
 Ou decreto de cima, te escolheo  
 Por começo do fim que pretendia.



De Capitão de Tanger te proveo,  
Em tempo, que o Maluco affaz valente,  
O grande Imperio de Africa venceo.  
E sendo esta eleição do Rey valente,  
Da cega inveja fofte mormurado,  
Porque ninguem escapou ao maldizente.  
Não te negarão feres esforçado,  
Mas dizião, que á guerra em tal idade  
Servia Capitão experimentado.  
E que em tempo de tal necessidade  
Convinha velho amparo, & forte escudo,  
Em quem não poffa haver temeridade.  
Mas bem ao contrario se vio tudo,  
Pois prudencia, & esforço juntamente  
Em ti experimentou o Mouro rudo.  
Quando com gram conselho, & pouca gente  
Atraveffaste os campos Africanos,  
Como gram Capitão, velho, valente.  
E fofte a parte, onde os Mauritânos  
Não tinhaõ visto lança de Chriftãos.  
Havia longos tempos, longos annos,  
Tomafte defcuidado hum Capitão  
No tempo, & effi na guerra experimentado,  
Em quem fe confiava Tetuaõ.  
Alafe, irmão de Alafe, nomeado,  
Que não só o feu campo defendia,  
Mas entrava no polfo confiado.  
Effe, que toda a grande Berberia  
Tinha, por mui prudente, & animoso,  
Agora o tens na tua eftrebaria.  
Que póde aqui dizer pois o envejoso,  
Onde tão claro vé, que nella idade  
Supre o nobre sangue generoso.

Não te dirâ, que foi temeridade

Para feito como este tão valente,

Com ter seguro o campo, & a cidade,

Nem te pôde negar seres prudente,

Pois tempo, & conjunção foste escolher

Em que não arriscaste a tua gente.

Mas assi te foubeste recolher

Com gram delpojo feito, denso dano,

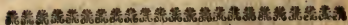
Sem hum dos que levasse se perder.

O felice Varaõ, Sylva Troyano,

Quem te pôde louvar, como venceste,

Pois no dia menor, que tinha o anno

O mayor feito em Africa fizeste.



## SEXTINA,

A huns olhos, cujo rigor, & brandura celebra.

**A** Culpa de meu mal só vem meus olhos,  
Pois que deraõ a Amor entrada na alma,  
Para que perdesse eu a liberdade.

Mas quem pôde fugir a hũa brandura,

Que depois de vos pôr em tantos males,

Dá porbens o perder por ella a vida!

Affaz de pouco faz quem perde a vida

Por condição tão dura, & brandos olhos,

Pois de tal qualidade são meus males:

Que

Que o mais pequeno delles toca na alma,  
Não se engane com mostras de brandura  
Quem quizer conservar a liberdade.

Roubadora he de toda a liberdade

(E oxalá perdoasse á triste vida?)

Esta, que o falso Amor chama brandura.

Ay, meus antes inimigos, que meus olhos,

Que mal vos tinha feito esta vossa alma,

Para vós lhe fazerdes tantos males!

Creção de dia em dia embora os males,

Perece-se embora a antiga liberdade,

Transformese em Amor esta triste alma;

Padeça embora esta innocente vida,

Que bem me pagão tudo estes meus olhos,

Quando de outros, se os vês, vem a brândura.

Mas comp. nelles pôde haver brandura,

Se causadores são de tantos males!

Engano foi de Amor, porque meus olhos

Dessem por bem perdida a liberdade,

Ja não tenho que dar, senão a vida,

Se a vida ja não deo, quẽ ja deo a alma.

Que pôde ja esperar, quem a sua alma

Cativa eterna fez de hũa brandura,

Que quando vós dà morte, diz que he vida!

Forçado me he gritar nestes meus males,

Olhos meus, pois por vós a liberdade

Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.

Chorai meus olhos, sempre danos da alma,

Pois dais a liberdade a tal brandura,

Que para dar mais males, dà mais vida.

## SEXTINA,

A morte de Natereia, como a Egloga  
15. & nella se vem muitos pensamen-  
tos ajustados a este Poema.

O Triste, ó tenebroso, ó cruel dia  
Amanhecido só para meu dano?  
Pudesteme apartar daquella vista  
Porquem vivia com meu mal contente!  
Ahl se o supremo foras desta vida,  
Que em ti se começara a minha gloria.  
Mas como eu não naci para ter gloria,  
Senão pena, que creça cada dia,  
O Ceo me está negando o fim da vida,  
Porque não tenha fim com ella o dano,  
Para que nunca possa ser contente,  
Da vista me tirou aquella vista.  
Suave, deleitosa, alegre vista,  
Donde pendia toda a minha gloria,  
Porquem na mór tristeza fui contente,  
Quando será que veja aquelle dia,  
Em que deixe de ver tão grave dano,  
E em que me deixe tão penosa vida?  
Como desejarei humana vida  
Auzente de hũa mais, que humana vista,  
Que tão glorioso me fazia o dano?  
Vejo o meu dano sem a sua gloria,  
Aa minha noite falta já seu dia:  
Triste tudo se vê, nada contente.

Pois sem ti ja não posso ser contente,  
 Mal posso desejar sem ti a vida,  
 Sem ti ja ver não posso claro dia:  
 Não posso sem te ver desejar vista,  
 Na tua vista só se via a gloria,  
 Não ver a gloria tua, he ver meu dano.  
 Não via mayor gloria, que meu dano,  
 Quando do dano meu eras contente,  
 Agora me he tormento a mayor gloria,  
 Que pôde prometer-me Amor na vida,  
 Pois tornarte não pôde á minha vista,  
 Que só na tua achára a luz do dia.  
 E pois de dia em dia cresce o dano,  
 Não posso sem tal vista ser contente,  
 Sò com perder a vida acharei gloria.

# SEXTINA,

Composta ao mesmo intento da  
 passada.

Sempre me queixarei desta crueza  
 Que Amor usou comigo, quando o tempo,  
 A pesar de meu triste, & duro Fado,  
 A meus males queria dar remedio,  
 Em apartar de mim aquella vista,  
 Por quem me contentava a triste vida.  
 Levaram-me, oxalá, com ella a vida,  
 Para que não sentira esta crueza.  
 De me ver apartado de tal vista.

Porèm quem ha, que mais queira livrar-se

De tão doce prisaõ, ou quem deſeja

Dos nõs deſſes cabellos deſatar-se.

Os olhos, a quem as luzes tem inveja,

Que em vòs o Amor de amor tẽdes vẽcido;

Quem ha que vos não ame, & vos não veja.

Rosto fermoſo, em quem eſtã eſculpido

O mòr bem, que ſe pòde ver na terra,

Quem ha não queira ſer por vòs perdido?

Olhai, ſenhora, as horas apreſſadas,

Que vem cobrindo o ouro dos cabellos

De neve, & torna as roſas deſcòradas.

Ireis ver ao criſtal os olhos bellos,

E ja os não vereis quaes dantes eraõ,

Pois quaes entã ſeraõ, não queiraes vellos.

Uſai dos bens, que vaõ como naſcẽraõ,

Olhai, que tudo deſce de alto eſtado,

Que tambem os prazeres meus deceram;

Mas não deſcerã nunca meu çuidado.

## ELEGIA VI.

Nunca hum appetite moſtra o dano

Antes de ſer de todo eſſeituado,

Mas no fim vem moſtrar o deſengano,

Dureza a cauſa, & eu deſeſperado,

Pello que imaginou o pensamento,

Ando por eſta ſerra deſterrado,

Eſpalhando a voz ao leve vento,

Delle ſò conſolado, delle ouvido,

O faço ſabedor de meu tormento;

Que

Que monte ha, que não tenha já movido;

Que áspera montanha, ou roca dura,  
A força de meu mal não merecido.

Nas duras pedras achase brandura,  
Falta nesse cruel humano peito,

Quem vio nunca mayor de sventura!

Pouco pôde em ti amor perfeito,

Quando de hum movimento vive indigno,

Que já mais se negou a hum fogeito.

Da ventura, de vós, de meu destino,

Pois todos contra mim são conjurados,

Este valle farei de meu mal digno.

Co elle a noite, & o dia meus cuidados

Passarei em acerba, & longa vida

Em queixas, & em suspiros desusados.

Porque sei que serás disso servida,

Naõ deixarei dos montes a dureza,

Até tua vontade fer movida.

Aqui me sobirei na mór alteza

Da serra, onde logo contemplada

Será tua perfeição, tua crueza.

A alma em ti sò prompta, & occupada

Estando de tormento esquivo, & duro,

Oprimida será de ti levada.

Discorrendo hum passo, & outro escuro,

De mal em mal, de hum em outro dano,

A paga tal verá de hum Amor puro.

E vendo aqui tão claro o desengano,

Cos olhos feitos fontes mudará

Lugar tão infelice, & deshumano.

E o que mór tormento lhe dará

A lembrança de algum contentamento,

Que inda que pequeno, magoará;



Fará por divertir o pensamento  
 Desta parte tristiſſima mudando  
 Hũa lembrança chea de tormento,  
 Alli algum eſpaço porfiando,  
 Tendo por impoſſivel eſquecerte,  
 Ficarà ao vento vozes dando.  
 Alli ſe queixará de conhecerte,  
 Alli dura, cruel, deſpiedosa  
 Dirá: Dize, que podes ja moverte.  
 Mais que Venus (dirá) dize, fermosa,  
 Quando neſſa belleza pura, & rara  
 Se verà hũa hora piedosa.  
 Alli dirá, cruel, & quem cuidàra  
 De hum eſpirito tão reſplandecente  
 Tão ſera condiçãõ, & tão avara.  
 Alli vivera trifte, alli auſente,  
 O coſtumado mal por ſi ſofrendo,  
 De o quererſe tu tanto contente,  
 Como o mundo eſtã ja conhecendo,

## ELEGIA VII.

LA ſierra fatigando de continuo  
 Los paſſos vagaroſos voy moviendo,  
 Perdiendo de la vida todo el tino,  
 De mis ſuſpiros trifteſ no pudiendo  
 El alma apartar, y el pensamiento  
 De aquella por quien yo eſtoy muriendo  
 Que aunque la auſencia es grave tormento,  
 Que te olvide en ello es impoſſible,  
 Que con amor no puede apartamiento.



Veote con spirito invisible  
En el muy vivo tengo aquel menço  
Tan fiero para mi, y tan terrible.  
Todo lo más alegre triste veo,  
El fresco valle, el monte, la espessura,  
La clara fuente enoja aun el deseo.  
El dia se me buelve en noche escura,  
No puede amanecer de dõ ausente  
Tus claros ojos son, de tu hermosura.  
Permitte ya, señora, que presente,  
Do quiera que tu luz es detenida  
Sean el alma, y vida juntamente.  
En tu servicio allí prompta la vida  
Ponè en alma sola en contemplarte,  
Aunque me seas siempre endurecida.  
El mal què hazes dulce en toda parte,  
Sabroso es el tormento, yo lo quiero,  
Pues es tu voluntad no ablandarte.  
Que quando una hora venga, que no espero,  
Piedosa, y blanda más que las passadas,  
Y me quieras oir, viendo que muero.  
Las tristes no seran de mi dexadas,  
Que no sabrè vivir sin el estado  
De penas, tanto tiempo ya provadas.  
Hablo como furioso, y transportado,  
Pido lo que me es más enojoso,  
Holgando de me ver tan olvidado.  
Quien fatigado es, no dá reposo,  
Que sufras con paciencia te conviene,  
Las quexas del, que a si se es odioso.  
Al tiempo que bolando ya más viene  
Mis desusadas bozes encomienda,  
Que assi la triste voz en ti detiene.

La fuerça del dolor ninguna emienda  
 Puede tomar en mi, que satisaga  
 Lo menos que la queixa en mi te ofienda.  
 Incurable parece una llaga,  
 Y lo es, que reciba de tú mano,  
 No quiera Amor, que yo jamás deshaga  
 Su voluntad en esto, que es en vano.

## ELEGIA IIX

**D**E peña en peña nuevo las passadas,  
 La tristíssima voz al ayre dando  
 Voy cantando mis queixas desusadas:  
 Incierto en el camino, que pisando  
 De un monte esquivo, al otro me encamina,  
 En medio dél estoy en ti pensando,  
 Origoroso passo, y quan indigna  
 El alma veo aquí de sola una hora  
 Poder en ti pensar cosa tan digna.  
 Si el alma aun no es merecedora  
 Puríssima, y perfecta, y que me puede  
 De esperança quedar en ti, señora?  
 Mas que puedo querer, Fortuna rue de,  
 Llevandome de un triste en otro estado,  
 Y si esta voluntad un bien no quede,  
 En mi no vive ya, es transformado  
 En ti, el triste espirito, que tenia  
 De ti sola se quiere ver mirado.

Que

Que aunque en fatigas passenosche, y dia  
De tu mano se viesse, ó en passo estrecho  
La firme voluntad no mudaria.  
Y si por realeza un blando pecho,  
Que tanto tiempo fue endurecido  
Quisiesse ya mostrar un nuevo hecho.  
Adó me llegaria aquel sonido  
De tu nueva mudança, y mi ventura,  
Al eco, al valle, al monte empedernido.  
Dó no se cantaria tu blandura,  
En que region estraña, ó nueva parte  
Quedara por loar a tu hermosura.  
Quien no pusiera estudio, ingenio, y arte,  
Y quando todo nó, mucho dixiera,  
Mostrando que cupiera en ti ablandarte.  
Que roble, que leon, que tigre huviera,  
Que aspera montaña intratada,  
Que mis mudadas voces no oyera.  
Mas no quiere Amor, que la usada  
Queixa, en estas sierras esparzida  
De tanto tiempo ya sea dexada.  
Ni tu querràs que yo dexe la vida,  
Para me dar tormento aun más fiero,  
Ni con tan luenga usança interrompida.  
Cada hora más aspera te elpero,  
Que vengas pido, el mal sea más duro,  
Que el que puedo sufrir, ya no lo quiero.  
Pruevale este amor perfecto, y puro  
En fatigas mayores, en crueza,  
Quanto fuere mayor, es más seguro.  
Excedes en las fieras en dureza,  
Quando se ha visto en esta pura, y rara  
Gracia, del duro monte la aspereza.

De los bienes que puedes dar ayara,  
 Al que puedes dar vida, y por ti pena,  
 Pues niegas lo que el mundo no pensara,  
 Haze en tu voluntad, como ella ordena.

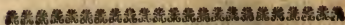
# ELEGIA

Ao illustre senhor Pedro da Sylva.

**I**llustre, & nobre Sylva descendido  
 Do gram filho de Anchises valeroso,  
 Por armas, & por sangue esclarecido,  
 Que como forte, ousado, & piedoso  
 Aas costas salvou o pay de longos annos,  
 E o filho pella mão tenro, & mimoso.  
 E os Penates, que tinham os Troyanos,  
 Tirou no mór conflicto da Cidade,  
 Em que Gregos fizeram tantos danos,  
 Crescendo foi de hũa em outra idade  
 Esta illustre progenie generosa  
 Em virtude, valor, honra, & bondade.  
 Atè chegar à nossa tam ditosa,  
 Pois nelle o Ceo á ti Sylva nos deu,  
 Que a fazes com tuas obras mais fermosa,  
 Aonde o inclito Rey de motu seu,  
 Movido pello Spirito, que o guia  
 A mayores proefas, que a Theleo.  
 Pellas partes, que em ti ja conhecia,  
 Ou decreto de cima te escolheo  
 Por começo do fim que pretendia,

De Capitão de Tanger te proveo,  
Em tempo que o Maluco affaz valente  
O grande Imperio de Africa venceo.  
E sendo esta eleição do Rey valente,  
Da cega inveja fofte mormurado,  
Porque pinguem escapou ao maldizente.  
Não te negarão feres esforçado,  
Mas dizião, que á guerra em tal idade  
Servia Capitão experimentado.  
E que em tempo de tal necessidade  
Convinha velho amparo, & forte escudo,  
Em quem não possa haver temeridade.  
Mas bem ao contrario se vio tudo,  
Pois prudencia, & esforço juntamente  
Em ti experimentou o Mouro rudo.  
Quando com gram conselho, & pouca gente  
Atraveffaste os campos Africanos,  
Como gram Capitão, velho, valente.  
E fofte a parte, onde os Mauritanos  
Não tinham visto lança de Chriftãos.  
Havia longos tempos, longos annos,  
Tomafte descuidado hum Capitão  
No tempo, & effi na guerra experimentado,  
Em quem se confiava Tetuaõ.  
Alafe, irmão de Alafe, nomeado,  
Que não só o feo campo defendia,  
Mas entrava no noffo confiado.  
Effe, que toda a grande Berberia  
Tinha, por muy prudente, & animoso,  
Agora o tens na tua estrebaria.  
Que póde aqui dizer pois o envejoso,  
Onde tão claro vé, que nella idade  
Supre o nobre sangue generoso.

Não te dirá, que foi temeridade  
 Para feito como este tão valente,  
 Com ter seguro o campo, & a cidade.  
 Nem te pôde negar feres prudente,  
 Pois tempo, & conjunção foste escolher  
 Em que não arriscaste a tua gente.  
 Mas assi te soubeste recolher  
 Com gram despojo feito, denso dano,  
 Sem hum dos que levaste se perder.  
 O felice Varaõ, Sylva Troyano,  
 Quem te pôde louvar, como venceste,  
 Pois no dia menor, que tinha o anno  
 O mayor feito em Africa fizeste.



# SEXTINA,

A huns olhos, cujo rigor, & brandura celebra.

**A** Culpa de meu mal só vem meus olhos,  
 Pois que deraõ a Amor entrada na alma,  
 Para que perdesse eu a liberdade.  
 Mas quem pôde fugir a hũa brandura,  
 Que depois de vos pôr em tantos males,  
 Da por bens o perder por ella a vida!  
 Affaz de pouco faz quem perde a vida  
 Por condiçaõ tão dura, & brandos olhos,  
 Pois de tal qualidade sãõ meus males;

Que

Que o mais pequeno delles toca na alma,  
Não se engane com mostras de brandura  
Quem quizer conservar a liberdade.  
Roubadora he de toda a liberdade  
(E oxalà perdoasse á triste vida?)  
Esta, que o falso Amor chama brandura,  
Ay, meus antes inimigos, que meus olhos,  
Que mal vos tinha feito esta vossa alma,  
Para vós lhe fazerdes tantos males!  
Cresção de dia em dia embora os males,  
Perca-se embora a antiga liberdade,  
Transforme-se em Amor esta triste alma:  
Padeça embora esta innocente vida,  
Que bem me pagão tudo estes meus olhos,  
Quando de outros, se os vê, vem a brândura.  
Mas como nelles pôde haver brandura,  
Se causadores são de tantos males!  
Engano foi de Amor, porque meus olhos  
Dessem por bem perdida a liberdade,  
Já não tenho que dar, senão a vida,  
Se a vida já não deo, quẽ já deo a alma.  
Que pôde já esperar, quem a sua alma  
Cativa eterna fez de hũa brandura,  
Que quando vos dà morte, diz que he vida!  
Força do me he gritar nestes meus males,  
Olho s meus, pois por vós a liberdade  
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.  
Chorai meus olhos, sempre danos da alma,  
Pois dais a liberdade a tal brandura,  
Que para dar mais males, dà mais vida.



## SEXTINA,

A morte de Natereia, como a Egloga  
15. & nella se vem muitos pensamen-  
tos ajustados a este Poema.

O Triste, ó tenebroso, ó cruel dia  
Amanhecido só para meu dano?  
Pudesteme apartar daquella vista  
Porquem vivia com meu mal contente!  
Ahl se o supremo foras desta vida,  
Que em ti se começara a minha gloria.  
Mas como eu não naci para ter gloria,  
Senão pena, que creça cada dia,  
O Ceo me està negando o fim da vida,  
Porque não tenha fim com ella o dano,  
Para que nunca possa ser contente,  
Da vista me tirou aquella vista.  
Suave, deleitosa, alegre vista,  
Donde pendia toda a minha gloria,  
Porquem na mior tristeza fui contente,  
Quando será que veja aquelle dia,  
Em que deixe de ver tão grave dano,  
E em que me deixe tão penssa vida?  
Como dezejárei humana vida  
Auzente de hũa mais, que humana vista,  
Que tão glorioso me fazia o dano?  
Vejo o meu dano sem a sua gloria,  
Aa minha noite falta já seu dia:  
Triste tudo se vê, nada contente.



Pois sem ti ja não posso ser contente,  
 Mal posso desejar sem ti a vida,  
 Sem ti ja ver não posso claro dia:  
 Não posso sem te ver desejar vista,  
 Na tua vista só se via a gloria,  
 Não ver a gloria tua, he ver meu dano.  
 Não via mayor gloria, que meu dano,  
 Quando do dano meu eras contente,  
 Agora me he tormento a mayor gloria,  
 Que pôde prometer-me Amor na vida,  
 Pois tornarte não pôde á minha vista,  
 Que só na tua achára a luz do dia.  
 E pois de dia em dia cresce o dano,  
 Não posso sem tal vista ser contente,  
 Só com perder a vida acharei gloria.

# SEXTINA,

Composta ao mesmo intento da  
 passada.

**S**empre me queixarei desta crueza  
 Que Amor usou comigo, quando o tempo,  
 A pesar de meu triste, & duro Fado,  
 A meus males queria dar remedio,  
 Em apartar de mim aquella vista,  
 Por quem me contentava a triste vida.  
 Levaram-me, oxalá, com ella a vida,  
 Para que não sentira esta crueza.  
 De me ver apartado de tal vista.

E praça Deos não veja o proprio tempo  
 Em mim, sem esperança de remedio,  
 A desesperação de hum triste Fado.  
 Porém ja atabe o triste, & duro Fado,  
 Acabe o tempo ja tão triste vida,  
 Que em sua morte só tem seu remedio.  
 O deixarme viver he mór crueza,  
 Pois desespero ja de em algum tempo  
 Tornara ver aquella doce vista.  
 Duro Amor, se pagara só tal vista  
 Todo o mal, que por ti me fez meu Fado,  
 Porque quizeste que o levasse o tempo?  
 E tambem se quizeste, porque a vida  
 Me deixas, para ver tanta crueza,  
 Quando em não vella só vejo o remedio?  
 Tu só de minha dor eras remedio,  
 Snave, delectosa, & bella vista,  
 Sem ti, que posso eu ver, senão crueza,  
 Sem ti, qual bem me póde dar o Fado,  
 Senão consentir que acabe a vida?  
 Mas elle della me dilata o tempo.  
 Azas para voar vejo no tempo,  
 Que com voar, a muitos foi remedio,  
 E só não voa para a minha vida,  
 Para que a quero eu sem tua vista?  
 Para que quer tambem o triste Fado,  
 Que não acabe o tempo tal crueza.  
 Não poderão fazer crueza, ou tempo,  
 Força de Fado, ou falta de remedio,  
 Que essa vista me esqueça em toda a vida.

## O D E.

Amores de Pelco com Thetis, & co-  
mo de entrambos nasceo o  
forte Achilles.

**N**Aquelle tempo brando,  
Em que se vê do mundo a fermosura,  
Que Thetis descansando  
De seu trabalho esta fermosa, & pura,  
Cantava Amor o peito  
Do mancebo Peleo de hum duro affeito.  
Com impeto forçoso  
Lhe avia ja fugido a bella Nympha,  
Quando no tempo aquoso  
Noto irado revolve a clara lympha,  
Serras no mar erguendo,  
Que os cumes dos outeiros vem lambendo.  
Esperava o mancebo  
Com a profunda dor, que na alma sente  
Hum dia, em que ja Phebo  
Começava a mostrar-se ao mundo ardente,  
Soltando as trenças de ouro,  
Em que Clycie de amor faz seu thesouro.  
Era no mez, que Apollo  
Entre os irmãos celestes passa o tempo,  
O vento enfrea Eolo,  
Para que o deleitoso passatempo  
Seja quieto, & mudo,  
Que a tudo Amor obriga, & vence tudo.

O luminoso dia

Os amorosos rayos despertava

A cega idolatria,

Que ao peito mais contenta, & mais agrava,

Onde o cego menino

Faz que os humanos creaõ que he divino.

Quando a fermosa Nympha

Com todo o ajuntamento venerando

Na cristalina lympha

O cristalino corpo estã banhando;

Nas agoas, o qual vendo

Nelle, alegre de o ver, se está revendo.

O peito diamantino,

Em cuja branca teta Amor se cria,

O gesto peregrino;

Cuja presença torna a noite em dia;

A graciosa boca,

Que a Amor cõ seus amores mais provoca.

Os rubis gtaciosos,

As pêrolas, que escondem vivas rosas

Dos jardins deleitosos,

Que o Ceo plantou em faces tão fermosas;

O transparente collo,

Que ciumes a Daphne faz de Apollo.

O subtil movimento

Dos olhos, cuja vista a Amor cegou,

A Amor, que com tormento

Glorioso, nunca delles se apartou,

Pois elles de continuo

Nas meninas o trazem por menino.

Os fios derramados

Daquelle ouro, que o peito mais cobiça;

Donde Amor, enredados

Nos

Nos corações humanos fogo atiga,  
 E donde com desejo  
 Mais ardente, começa a ser sobejo.

O malicebo Peleo,

Que de Neptuno estava aconselhado,

Vendo na terra o Ceo,

Em tão bella figura trasladado,

Mudo hum pouco ficou,

Porque Amor logo a falla lhe tirou,

Em fim querendo ver o que o mal fazia,

Quem tanto mal de longe lhe fazia,

A vista foi perder,

Porque de puro amor, Amor não via,

Viose assi cego, & mudo,

Por a força de Amor, que pôde tudo,

Agora se aparelha

Para a batalha, agora remetendo,

Agora se aconselha,

Agora, vai, agora está tremendo,

Quando ja de Cupido

Com nova setta o peito vio ferido.

Remete o mudo logo

Para onde estava a chaga sem socego,

E com o sobejo fogo,

Quanto mais perto estava, então mais cego,

E cego, & cum suspiro,

Na fermosa Dônzella empregão tiro.

Vingado assi Peleo,

Nasceu deste amoroso ajuntamento

O forte Larilleo,

Destinção do Phrygiopensamento,

Que por não ser ferido,

Foi nas agoas Estygias submergido.

## ODE II.

**I**A a calma nos deixou  
 Sem flores, as ribeiras deleitosas,  
 Ia de todo secou,  
 Candidos lyrios, rubicundas rosas,  
 Fogem do grave ardor os passarinhos,  
 Para o sombrio amparo de seus ninhos.  
**M**enea os altos freixos  
 A branda viração de quando em quando,  
 E de entre varios seixos  
 O liquido crystal fac murmurando  
 As gotas, que das alvas pedras saltão,  
 O Prado, como perolas, esmaltaõ,  
**D**a caça ja cançada  
 Busca a casta Titamica a espessura,  
 Onde á sombra inclinada  
 Logre o doce repouso da verdura,  
 E sobre o seu cabello ondado, & louro  
 Deixa cair o bosque o seu thesouro.  
**O** Ceo desempedido,  
 Mostrava o lume eterno das Estrellas,  
 E de flores vestido  
 O campo, brancas, roxas, & amarellas,  
 Alegre o bosque tinha, alegre o monte,  
 O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.  
**P**orém como o menino,  
 Que a Iupiter por a Aguia foi leyado  
 Ao cerco cristalino,

For

For do amante de Clície visitado,  
 O Bosque chorará, chorará a Fonte,  
 O Rio, o Arvoredo, o Prado, o Monte,  
 O mar, que agora brando,  
 He das Nereidas candidas cortado,  
 Logo se irá mostrando  
 Todo em crespas escumas empollado,  
 O soberbo furor do negro vento  
 Fará por toda a parte movimento.  
 Ley he da natureza  
 Mudarse desta sorte o tempo leve,  
 Succeder à belleza  
 Da Primavera o fruto, a elle a neve,  
 E tornar outra vez por certo fio  
 Outono, Inverno, Primavera, Estio.  
 Tudo em fim faz mudança,  
 Quanto o claro Sol vé, quanto alumia,  
 Não se acha segurança  
 Em tudo quanto alegre o bello dia,  
 Mudaõse as condiçoens, muda-se a idade,  
 A bonança, os estados, & a vontade.  
 Sómente a minha imiga  
 A dura condição nunca mudou,  
 Para que o mundo diga,  
 Que nella ley tão certa se quebrou,  
 Em não verme, ella só sempre está firme,  
 Ou por fugir de Amor, ou por fugirme.  
 Mas ja sofrivel fora,  
 Que em matarme ella só mostra firmeza,  
 Se não achàra agora,  
 Tambem em mim mudada a natureza,  
 Pois sempre o coração tenho turbado,  
 Sempre de escuras nuvẽs rodeado.



Sempre exprimentooos fios,  
 Que em continuo receo Amor me manda,  
 Sempre os dous caudae rios,  
 Que em meus olhos abrio quẽ nos seus anda  
 Correm, sem chegar nunca o Verão brando,  
 Que tamanha asperẽza vã mudando,  
 O Sol sereno, & puro,  
 Que no fermoso rosto resplandece,  
 Envolto em manto escuro,  
 Do triste esquecimento, não parece,  
 Deixando em triste noite a triste vida,  
 Que nunca de luz nova he soccorrida.  
 Porém seja o que for,  
 Mudese por meu dano a natureza,  
 Perca a inconstancia Amor,  
 A fortuna inconstante ache firmeza,  
 Tudo mudavel seja contra mi,  
 Mas eu firme estarei no que emprendi!





## CANC, AM I.

Celebraſe hũa rara fermofura natural  
 ſem enſeite algum, & em cada ramo  
 pondera hũa parte ſua, dizendo  
 que çom ella podia render  
 hum Planeta.

**N** Em roxa flor de Abril,  
 Pintor do campo ameno, & da verdura  
 Colhida entre outras mil  
 Foi nunca aſſi agradavel à donzella  
 Cortez, alegre, & bella,  
 De ſua mão cuidado, & gloria pura,  
 Como a mi foi a ineulta fermofura  
 Natural, que pudera  
 A Saturno render na ſua eſfera.  
 Natural fonte agreſte,  
 Não lavrada de artifice excellente,  
 Nem por arte celeſte  
 Derivada de ruſtico penedo,  
 Não fez ja mais tão ledo  
 Caçado caçador por ſeſta ardente,  
 Quanto o ebuidado a mi me faz contente  
 De ver tão deſcuidado,  
 Que faz ſereno a Jupiter irado.  
 Fruita, que ſem concerto  
 Naturalmente em ramos ſe pendura,  
 Achada por acerto,

A quem pintada a vé de sangue, & leite,  
 Não lhe dará o deleite,  
 Que essa graça me dá sem compostura,  
 Ornamento da mesma fermosura,  
 E o toucado sem arte,  
 Que tornará Pastor ao bravo Marte.  
 Amenhã graciosa,  
 Que detramando sae dentre os cabellos  
 A Flor, o Lyrio, a Rosa,  
 Sem ajuda de ornato, ou de artificio,  
 Não faz o benefício,  
 Que faz a luz de vossos olhos bellos  
 A quem os vê tão puros, & singellos;  
 E esse innocente riso,  
 Por quem Apollo o Tejo torna Amphirysso.  
 Outeiros coroados,  
 Das arvores, que fazem a espessura,  
 Com os ramos copados,  
 Alegre, que mão destra os não cultiva,  
 Graça tão excessiva  
 Não tem na sua natural verdura,  
 Quanta na desses olhos clara, & pura  
 Deposita a esperança,  
 Com q' Amor gosto, a mãy tormento alcãça.  
 Dos simples passarinhos  
 A musica sem arte concertada,  
 De entre os verdes raminhos  
 Tão suave não he, tão delectosa,  
 A quem na selva umbrosa  
 Com mente, ouvindo a está toda elevada,  
 Quanto a mim essa falla doce agrada,  
 E o natural aviso,  
 Que roubaõ a Mercurio cetro, & silebo.

De frescos rios agoa,  
 Que clara entre arvoredos se deriva,  
 Caindo de alta fragoa,  
 Esmaltando de perolas no prado  
 O verde delicado,  
 Com brando som aos olhos fugitiva,  
 Não nos alegra quanto a graça esquiva  
 De essa luz soberana,  
 Que faz cortez a rustica Diana.  
 A tal luz (ò Canção, que onlaste vella)  
 Vendo estàs ja poltrado  
 Saturno triste, Iupiter irado,  
 Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,  
 E Mercurio, & Diana, & toda Estrella.

As tres Cançoens seguintes andão cõ  
 muitos erros impressas nas Miscella-  
 neas de Miguel Leytão, he certo serem  
 de Luis de Camoens, como se colhe  
 de alguns manuscritos, a quem segui-  
 mos, & com quem asemmiendamos.

## CANC, AM 2.

A hum Pomar.

**O** Pomar venturoso,  
 Onde com a natureza  
 A subtil arte tem demanda incerta,  
 Que em sitio tão fermoso  
 A maior subtileza  
 De engenho, em ti nos mostra descuberta  
 Nenhum juizo acerta  
 De cego, & de enlevado,  
 Se tem em ti mais parte  
 A natureza, ou a arte;  
 Se terra, ou Ceo de ti tem mais cuidado,  
 Pois em feliz terreno  
 Gozas de hum ar mais puro, & mais sereno;  
 De teu fermoso peso  
 Se mostra o monte ledo,  
 E o caudelofo Zézare te estranha,  
 Porque olhas com desprezo  
 Seu cristal puro, & quedo  
 Que com Pera os teus pés rodea, & banha,  
 Em ti pintura estranha,  
 A que Apelles cedera,  
 Enigmas intrincados,  
 Emirtos animados,  
 Vemos, que o proprio Escopas não fizera:  
 Em ti co a paz interna  
 Tem o santo Prazer morada eterna.

Os

Os jardins da famosa  
Babel tão nomeados,  
Por maravilha o mundo não levante,  
Inda que com gloriosa  
Voz, que estão pendurados  
Do inttavel ar a Fama antiga cante?  
Nem haja quem se espante  
Dos famosos de Alcino,  
Nem as mais doctas penas  
Cantem os de Mecenas,  
Cultor de todo engenho peregrino,  
Mas onde quer que voe,  
De ti só falle a Fama, & te pregoe.  
Que se era antigamente  
De pomos de ouro bellos  
O jardim das Hesperidas ornado,  
E a pesar da serpente,  
Que os guardou só colhellos  
Pode o famoso Alcides de esforçado:  
Tu mais avantejado,  
Mostras a huma alma casta  
Seguir o que dezeja,  
Fugir da torpe inveja  
(Pomos de ouro, que o tempo não lcoñtrasta)  
Em fim cõ a charidade,  
Vencer o Inferno, abrir a Eternidade.  
Por tanto da ventura,  
Para ti reservada,  
Te deixa o Ceo gozar perpetuamente,  
Porque sejas figura  
Da gloria avantejada  
Delle mesmo, & que em si se represente,  
Porque em quanto lustente

O Ceo,

O Ceo, o Mar, & a Terra  
Seus feitos milagrosos,  
Myfterios mais gloriosos,  
Com que a morte das almas nos desterra,  
Por onde em nossas almas  
Com mais pompas triúfa, & cõ mais palmas.  
Goza pois longamente  
Teu venturoso Fado,  
Da mãy do teu Author bem possuido,  
Que em ti sempre contente  
De seu sublime estado  
A alma dos seus alegra, & o sentido,  
Cada qual preferido  
Nas grandes qualidades  
Ao sabio Nestor seja,  
Para que o mundo os veja  
Exceder as longuissimas idades,  
E com a longa vida  
Seja sua memoria ennobrecida.  
Canção, pois mais famosa  
Por ti não podem ser.  
Deste monte as estancias deleitosas,  
Bem póde succeder,  
Que aquelle que os teus numeros governa  
Por querellas cantar te faça eterna.

## CANCAAM

Mostra o Poeta não produzirem as  
causas seus communs effeitos nelle,  
mas outros contrarios.

**Q**uem com solido intento  
Os segredos buscar da natureza,  
Quanto de Athenas preza,  
Entregue ao mar irado, ao leve vento;  
Em forjar meu tormento  
Nova Philosophia  
De experiencias feita Amor me ensina.  
Das leys do antigo tempo bem declina,  
Que Amor, & a natureza em mim varia,  
Donde escolas de labios nunca vio  
Em natural sôgeito,  
Quanto Amor em meu peito descobrio.

**A**s aves no ar sereno,  
O gado de Protheo nas agoas paze,  
Vive o homem, & nace  
Neste mundo, qual mundo mais pequeno;  
Eu tudo desordeno  
Em todos dividido,  
Na boca o ar, na terra o entendimento:  
Dame esse Amor, dame esta o pensamento,  
O coração no fogo he consumido:  
Mas a agoa, que dos olhos sempre desce  
Tem effeito tão vario,  
Que em hũ humor contrario o fogo cresce.

Da vista Amor solhia

Abrir ao coração segura entrada;  
 Ley he ja profanada,  
 Que quando a luz de hũs olhos me feria,  
 Amando o que não via,  
 Qual de escopeta o lume,  
 Primeiro o querer vi, que a causa vísse,  
 Quem o desejo com a esperança unisse  
 Cego iria apoz cego, & vil costume,  
 Que eu desta alma das leyes do mudo izêta,  
 Morta a esperança vejo,  
 Onde sempre o dezejo se sustenta.

Em vão se considera

Que hum semelhante a outro bulca, & ama,  
 E que foge, & defama  
 Todo mortal a morte esquiva, & fera,  
 Seja hũa linda fera  
 Que esconde em vista humana  
 Coração de diamante, & peito de aço,  
 De meu sangue faminta, & satisfação  
 Com cruel morte a sede delhumana:  
 Alfi que sendo em tudo differente  
 Corro apoz minha sorte,  
 E se me entrego á morte estou contente.

Cae em mayor defeito

Quem cuida ser sciencia clara, & certa;  
 Que a causa descuberta  
 Sempre produz alfi conforme o effeito:  
 Rendeome hum lindo objeito,  
 Que sendo neve pura  
 Vivo me abraza, & o fogo interno aviva;  
 Que esta fermosa fera fugitiva,  
 Com ser neve de fogo se assegura:

Don-



Donde insiro por certo (& cesse a fama  
Vãa, mentirosa, & leve)  
Que não de: faz a neve ardente chama?  
Bem no effeito se sente  
Cessar, cessando a causa donde pende;  
Que o fogo mais se acende,  
Estando à vista donde mais ausentes,  
Mas pã alma vivamente  
A trazem dibuxada,  
Denoite Amor, dedia o pensamento;  
E quando Apollo deixá o claro assento,  
Por entre sombras vejo a Nympha amada;  
Pois se sem luz Amor os olhos cega,  
Cego, se não concede,  
Que em nada Amor impede a escura treva;  
Erra quem atrevido  
Pregoa ser maior que a parte o todo:  
Amor me tem de modo,  
Que estou numa alma minha convertidos;  
Desta gloria ha nacido  
O temor de perdello,  
E posto que o receo a muitos finge  
Lá na imaginação Chymera, & Esfinge;  
De mal futuro, que urde imiga estrella,  
Vejo em mim, por incognito segredo,  
Quando estou mais contente,  
Que só do bem presente nasce o medo;  
Temle por manifesto  
Parecer se ao segeito o accidente;  
Mas inda em mim se sento  
O pensamento, a cor, o riso, o gesto;  
Da vida ja perdido  
Neste tormento meu tão duro, & esquivo;  
E sendo



Nesses fermosos olhos de enlevado  
 Minha alma se escondeo,  
 Quando ordenava o Ceo,  
 Que vivesse comigo desterrado.  
 Vós a mais certa estrada  
 De ver a Summa Alteza,  
 Do effeito a causa abris a esta alma minha,  
 Assim mortal belleza  
 Sô della nasce, & della se resume,  
 Assim celeste lume  
 Lá dos Ceos se deriva, & lá caminha,  
 Pois como a Deos unirme a vista possa,  
 Porque a negaes, meu Sol, a esta alma vossa.  
 Se me quereis prender a parte a parte  
 Cabello ondado, & louro,  
 Teceime a rede de ouro,  
 Em que prêdeo Vulcano a Cypria, & Marte,  
 Desque com gentil arte  
 Vestis de flores bellas  
 A terra, em que tocaes com a bella planta,  
 Quantas vezes com vellas,  
 Quiz numas dessas flores transformarme?  
 Porque vendo pisarme  
 De esse candido pè, que a neve espanta,  
 Póde ser que na flor mudado fora,  
 Que deu a Iuno irada a linda Flora?  
 Mas onde te acolheste (ò doce vida)  
 Mais leve, & presurosa,  
 Do que na selva umbrosa,  
 Cerva de aguda setta vai ferida?  
 Se para tal partida  
 Meus olhos vos abristes,  
 Cerraravos o somno eternamente,

Antes

Antes que vovos tristes,  
 Perdendo tão suave, & doce engano:  
 Agora, com meu dano,  
 Vedes, para môr magoa, claramente,  
 Neste bem fugitivo, & somno leve,  
 Que mal não ha mais lôgo, q' hũ bem breve:  
 Ditoso Endimião, que a Deusa cara,  
 Que a noite vai guiando,  
 Teve em braços sonhando?  
 Ah, quem de sonho tal nunca acordára!  
 Tu só, Aurora avara,  
 Quando os olhos feriste;  
 Me mataste, cruel, de inveja pura:  
 Mas se desta alma triste  
 A negra escuridão vencer quizeste,  
 Sabe, que em vão nasceste,  
 Que para des fazerse a nevoa escura  
 De meus olhos, importa estar presente  
 Outro Sol, outra Aurora, outro Oriente.  
 Se a luz de meu Planeta  
 Não me aviva, Canção, branda, & quieta,  
 Qual flor de chuva em breve consumida  
 Verás desfeita em lagrimas a vida.

## CANCAM

**P**Or meyo de hũa ferrã mui fragoza,  
 Cercada de sylvestres arvoredos,  
 Retumbando por asperos penedos,  
 Correm peremnes agoas delectosas:  
 Na ribeira de Buina, assi chamada,  
 Celebrada,  
 Porque em prados  
 Esmaltados  
 Com frescura  
 De verdura,  
 Assi se mostra amena, assi graciosa,  
 Que excede a qualquer outra mais fermosa:  
**A**s correntes se vem, que aceleradas,  
 As aves regalando, & as boninas,  
 Se vão a entrar nas agoas Neptuninas,  
 Por diversas ribeiras derivadas:  
 Com mil brancas conchinhas á aturea arca,  
 Bem se arrea,  
 Voão aves,  
 Mil suaves  
 Passarinhos  
 Nos raminhos  
 Acordemente estão sempre cantando  
 Com doce accento os ares abrandando:  
**O** doce Roixino num ramo cantã,  
 E do outro o Pintasilgo lhe responde,  
 A Perdiz, de entre a mata, em q se esconde,  
 O caçador sentindo, se levanta:  
 Voando vai ligeira mais que o vento,  
 Outro assento  
 Vai buscando;

90 III. PARTE DAS RIMAS;

Porém quando  
Vai fugindo  
Retolando,  
Trae ella mais veloz a feita corre,  
De que ferida logo cae, & morre.

Aqui Progne de hum ramo em outro ramo,  
Com o peito salangueado anda voando,  
Cibato para o infante anda buscando,  
A leda Codorniz vem ao reclamo  
Do sagaz caçador, que a rede estende,  
E pretende  
Com engano  
Fazer dano  
Aa coitada,

Que enganada  
De huns esparzidos graos do lourro trigo,  
Nas mãos vai a cair de seu amigo.

Aqui spaa Calhandra na parreira,  
A Rola geme, patra o Estorninho,  
Sac a candida Pomba de seu ninho,  
O Tordo poufa em cima da oliveira,  
Vaõ as doces abelhas sussurrando,  
E apanhando  
O rocio  
Fresco, & frio,  
Por oprimado,  
De açaõ ornado,  
Com que o bravo licor fazem, que de u

Aa humana gente a industria de Aristeu.

Aqui os uvaes luzidas penduradas  
Das pampinosas videt resplande com,  
As frondiferas arvoreas se ofeem,  
Com diferentes frutos carregadas.

Os peixes na agoa clara andão saltando,  
Levantando  
As pedrinhas,  
Eas conchinhas  
Rubicundas,  
Que as jocundas  
Ondas consigo trazem, crepitando  
Por a praya alva com ruido brando.  
Aqui por entre as selvas se levantão  
Animaes calidonijs, & os Veados  
Na fugida inda mal assegurados,  
Porque do som dos proprios pès se espantão:  
Sae o Coelho, a Lebre sae manhosa,  
Da frondosa  
Breve mata,  
Donde a cata  
Caõ ligeiro,  
Mas primeiro,  
Que ella ao contrario fêrvido se entregue,  
A vezes deixa em branco a quem a segue.  
Luzem as brancas, & purpúrea flores,  
Com que obrando Favonio a terra esmalta,  
O fermoso Incinto alli não falta,  
Lembrado dos antigos seus amores:  
Inda na flor se mostraõ esculpidos  
Os gemidos,  
Aqui Flora  
Sempre mora,  
E com Rosas  
Mais fermosas,  
Com lirios, & boninas mil fragrantas  
Alegra os seus amores inconstantes.  
Aqui Narciso em liquido crystal  
Se namora de sua fermosura, Nel-

Nelle os pendentos ramos da espessura,  
Dibuxandose estaõ ao natural,  
Adonis, com que a linda Cytherea  
Se recrea,  
Bem florido,  
Convertido  
Na bonina,  
Que Ericina  
Por imagem deixou de qual seria  
Aquelle, por quem ella se perdia.  
Lugar alegre, fresco, acomodado,  
Para se deleitar qualquer amante,  
A quem com sua ponta penetrante  
O cego Amor tivesse derribado:  
E para memorar ao som das agoas  
Suas magoas  
Amorosas,  
As cheirosas  
Flores vendo;  
Escolhendo  
Para fazer preciosas mil capellas,  
Edar por graõ penhor a Nymphas bellas?  
Eu dellas por penhor de meus amores,  
Hũa capella à minha Deosa dava,  
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava,  
O bem me queres entre tantas flores:  
Porém, como se fora mal me queres,  
Os poderes  
Da crueldade  
Na beldade  
Bem mostrou;  
Desprezou  
A dadiua de flores, não por minha,  
Mas porque muitas mais ella em si tinha.



## A ElRey D. Sebastião.

**R**EY bemaventurado, em quem parece  
Aquella alta esperança ja comprida,  
De quanto o Ceo, & a terra te offerece.  
De Deos fermosa planta, concedida  
A lagrimas de Amor, & lealdade,  
Bem noſſo ſò, de noſſa vida vida.  
Em quanto eſta innocente, & branda idade,  
Por Deos crescendo vai felicemente,  
Tè o mundo encher de nova claridade.  
Em quanto eſte teu Povo, & do Oriente  
Novo acreeſcentamento por ti eſperaõ,  
De outros Reys, doutras terras, doutra gente.  
Taes promeſſas os Ceos de ti nos derão  
No teu tão milagroſo nascimento,  
E eſpírito igual em ti a ellas puzerão.  
Eu levado de amor, de ſanto intento  
(Quem ante eſſa brandura temeria)  
Deterte com meu verſo hum pouco eſpero.  
Depois virà hum tão ditoſo dia,  
Que aſtuas Reaes Quinas deſpregadas  
Na multidão de toda a Berberia.  
As vitorioſas frotaſ carregadas  
Das cativas Coroas, & bandeiras,  
De outro eſpírito mayor ſejão cantadas.  
Agora ouve, Senhor, aſ verdadeiras  
Muſas, que levão os Reys a eſta alta gloria,  
Tendo por armas ſò vèlas ligeiras.  
Quantas armadas conta a antiga hiſtoria,  
Quantos grandes exercitos perdidos,

Deixarão aos mais pequenos a victoria.  
Elles tanto no mundo conhecidos,  
Cujos nomes vencerão tantos annos,  
Não foraõ sò por força obedecidos.  
Não se subjigão corações humanos  
De boa vontade, à força hum peito aberto  
Os vence de bom amor, sem arte, & enganoso.  
Nesta sombra, onde tudo anda encuberto,  
Quem da verdade vê mais que a figura!  
Quem seu passo direito leva, & certo!  
Huns falsos longes de hũa vã pintura,  
Com sua cor, ao parecer lustrosa,  
Quantos detem com falsa fermosura!  
Não têm cores, nem dobras a fermosa  
Verdade, que buscaes, ò gente cega,  
Humilde, & nua està, não tão custosa!  
Não he hum sò Cupido, que almas cega,  
Mais ha no mundo que huns sós vãoos amores,  
Que he tudo o que à vontade mal se entrega.  
Aquelles, que do Amor foraõ pintores,  
Que os olhos lhe tirarão, & o descubrirão,  
Pintarão para Reys, & Emperadores.  
Altos engenhos, que em figura virão  
As forças deste proprio amor imigo,  
Que moço, & cego, & nu, & cruel fingirão.  
Cada hum traz em si mesmo seu perigo,  
Herdado desta natural fraqueza,  
Que tanto fazem homem de si amigo!  
Iguaes somos, Senhor, na natureza,  
Assi entramos na vida, assi sahimos,  
O entendimento he nossa fortaleza.  
Igualmente de hum só principio vimos,  
Igualmente a hum fim todos corremos,

E hũa

E hũa estrada commum igual seguimos.  
 Na terra a morte, a vida nos Ceos temos,  
 Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,  
 Tanto caminho do bom fim perdemos.  
 Cegos de nòs, que nos tão mal trocamos,  
 Que a parte vil, & baixa senhorea,  
 E o mais alto ao mais baixo cativamos.  
 Força cruel, que dentro em nòs guerreia,  
 Vemos a cega vontade, a razão clara,  
 E leva assi de nòs victoria fea.  
 Aquelle lume, que a alma illustra, & aclara,  
 Apagado por nòs, nelle he perdido,  
 Como mortos nos deixa, & a desampara,  
 Deu o remedio Deos, eis hum erguido  
 Por elle em poder alto, do que o povo  
 He ja por bem levado, ou constangido.  
 Não he nome de Rey titulo novo,  
 Co elle começou o mundo, & dura,  
 Por fabulas antigas não me movo.  
 Depois que daquella alta fermosura  
 Veyo o primeiro homem, & a triste sorte  
 O envolveo nesta sombra grossa, & escura.  
 Fugio a luz, entrou armada a morte,  
 Cumprio nova vigia, & guarda, & ley,  
 Que o cego mostre a luz, & obrigue o forte.  
 Elego Deos Pastor a sua Grey,  
 Vio tambem a razão necessidade,  
 Eis aqui eleito hum Rey, eis outro Rey.  
 Conforme, & junto o povo nũa vontade,  
 Num sò por bem commum todos poderes,  
 Prometendo obediencia, & fieltade,  
 Obrigaraõ suas vidas, seus averes,  
 Prometeo o bom Rey justiça, & paz,

E remedio, & soccorro a seus misteres.  
Dalli fogeito ao Rey o povo jaz,  
Dalli fogeito o Rey à boa razão,  
Da mesma luz, que em si esta força traz.  
A quem todos seus bens, & vidas dão  
Por os livrar da injuria, & violencia,  
Se lhas elle fizer, a quem se irão?  
Serà juiz a justa consciencia,  
E aquelle santo, & natural preceite  
Deve à ley o que a fez obediencia.  
Quem o caminho ha de mostrar direito,  
Se troce delle, & segue a falsa estrada,  
Como terà seu povo à ley fogeito?  
Poz Deos na mão do Rey a vara alçada  
Para guia do povo errado, & cego,  
Mas não foi sô ao seu desejo dada.  
Como destre Piloto no alto pego  
Co leme guia a nao, hora a hũa parte,  
Hora a outra a desvia do vao cego.  
Não valem alli forças, val só arte,  
Arte vence do mar a ira espantosa,  
Arte sem ferro vence o fero Marte.  
Hydra de mil cabeças enganosa,  
Pègo de tantos ventos revolvido,  
Não se vence, senhor, com mão forçosa.  
Em duas iguaes partes repartido  
Te deu Deos teu poder em premio, em pena,  
Desse a cada hum o que lhe for devido.  
Aquelle que á sua vontade ordena  
Todas as cousas, olha com que amor  
Paga o bem logo, & devagar condena.  
Não se acha alli respeito, nem fav or,  
Tanto val cada hum, quanto merece,

Iguaes ante elle são servo, & senhor.  
Olhate bem, gram Rey, & a ti conhece,  
Nacido sô para reger a tantos,  
E dessa grande Alteza o teu fim dece.  
Verte has igual na humanidade a quantos  
Mandas, verâs o fim tão duvidoso,  
Como quem também morre, & nasce em prâtos.  
Que presta ser na terra poderoso,  
Se o alto fim do Ceo se poem em sorte,  
Que atê ao Filho de Deos foi tão custoso.  
Corte o bom Rey primeiro por si, corte,  
Mais vence o exemplo bom, q̃ o ferro, & o fogo,  
Não pôde errar quem contra si he forte.  
Nem a propria afeição, nem brando rogo  
Tire a força à razão, ou à igualdade,  
Nem se lhe faça sempre falso jogo.  
Sômente em Deos razão he a vontade,  
Absoluto poder não o ha na terra,  
Antes fora injustiça, & crueldade.  
Que vontade mortal, senhor, não erra,  
Se a justa ley, & razão a não enfrea,  
De que nasce a injustiça, & cruel guerra.  
Cada hum pinta em seu peito aquella idea,  
A qual ou mal, ou bem, se se afeição,  
Assi lhe sae fermosa, ou lhe sae fea.  
A boa guia he a inclinação boa,  
A qual nasce do claro entendimento,  
E com facil discurso ao melhor voa.  
Tanto val, tanto pôde o santo intento,  
Que só por si a honra, & louvor crece,  
E a obra que val dez, faz valer cento.  
E quando humanamente erro acontece,  
(Quem pôde acertar sempre) a culpa he leve,  
E todo

E todo o bom juizo a compadece.

Que injustiça será, que não releve

Não sahir à vontade a obra igual,

Pois pello intento sô julgar se deve.

No livre peito, & coração real

Está o bem commum sempre fundado,

Não pôde de tal fonte manar mal.

Amo o povo o bom Rey, & he delle amado,

Ledo, & facil em crer, & julgar bem,

Imigo de todo o animo dobrado.

Sempre a mão larga, sempre aberto tem

O generoso peito ao premio justo,

E triste, & vagaroso à pena vem.

Este he chamado Bom, & Grande, Augusto,

Da Patria Pay, Prazer, & Amor do mundo,

Mortal imigo do tyrano injusto.

Este logo de hum alto, & de hum facundo

Engenho atè as Estrellas bem cantado,

Voando vai na terra sem segundo.

Tal nos crece, gram Rey, por Deos ja dado,

Inda mayor que as nossas esperanças,

Mayor que sua Estrella, & alto Fado.

Cedo teu espirito vencerà as tardanças

Do tempo, & idade, & cedo renovando

Iràs dos santos Reys altas lembranças:

Começate ja agora ir costumando

A pôr em nós teus olhos Reaes serenos,

O mansíssimo Avò teu imitando

Inteiro, & humano aos grâdes, & aos pequenos.

MOTTE.

*Descalça vay para a fonte,  
Leonora pella verdura,  
Vay fermosa, & não segura.*

VOLTA.

**L** Eva na cabeça o pote,  
O testro nas mãos de prata,  
Cinta de fina escarlata,  
Sainho de chamalote:  
Traz a vasquinha de cote,  
Mãos branca que a neve pura,  
Vai fermosa, & não segura.  
Descobre a touca a garganta,  
Cabellos de ouro o trançado,  
Fita de cor de encarnado,  
Tão linda, que o mundo espanta:  
Chove nella graça tanta,  
Que dá graça à fermosura,  
Vai fermosa, & não segura.

MOTTE.

*Quem disser que a barca pende,  
Dulhehei mana que mente.*

VOLTA.

**S**E vos quereis embarcar,  
E para isso estaes no caes,

Entraí

Pois que dous a venturaes,  
 Oh não seja o dano nosso,  
 Sangrese este corpo vosso,  
 Porque minha alma vivaes.  
 E inda, se atentardes bem,  
 Seguis medicina errada,  
 Porque para ser sangrada  
 Hũa alma sangue não tem:  
 E pois em mim sarar posso  
 Males, que á minha alma dais,  
 Se inda outra vez vos sangrais,  
 Seja neste corpo vosso.

## MOTTE.

*Retrato vòs não sois meu,  
 Retratar a vòs mui mal,  
 Que a fereis meu natural,  
 Foreis moíno como eu.*

## GLOSA.

**I**Nda que em vòs a arte vença,  
 O que o natural tem dado,  
 Não fostes bem retratado,  
 Que ha em vòs mais differença,  
 Que no vivo do pintado:  
 Se o lugar se considera  
 Do alto estado, que vos deu  
 A sorte, que eu mais quizerá,  
 Se he que eu sou quem dantes era,  
 Retrato vòs não sois meu,



Vós na minha gloria posto,  
 Eu na vossa sepultura,  
 Vós com bens, eu com desgosto,  
 Pareceisvos ao meu rosto,  
 E nãoja à minha ventura.

E pois nella, & vós errarão,  
 O que em mim he principal,  
 Muito em ambos se engañarão,  
 Se por mim vos retratarão,  
 Retratarãovos mui mal.

Mas se esse rosto fingido,  
 Quizeréis representar,  
 Ouvera por bom partido,  
 Darlho a alma do sentido,  
 Para a gloria do lugar.

Vireis posta nessa alteza,  
 Que vos não ha cousa igual,  
 E que nem a mayor mal  
 Podeis vir, nem mór baixeza,  
 Que serdes meu natural.

Por isso não confesseis  
 Serdes meu, que he defatino,  
 Com que o lugar perdereis,  
 Se conservarvos quereis,  
 Blasonai, que sois divino.

Que se nesta occasião  
 Conhecessem que ereis meu,  
 Por meu vos derão de mão,  
 Foreis mofo, como eu.

## MOTTE.

*Foize gastando a esperança,  
 Fui entendendo os enganos,*

*Do mal ficarão meus danos,**E do bem só a lembrança.*

## GLOSA.

**N**unca em prazeres passados  
Tive firmeza segura,

*Antes tão arrebatados,**Que inda não erão chegados;**Quando mos levou ventura.*

**E** como quem desconfia,

*Ter em tal sorte mudança,**No meyo desta porfia,**De quanto bem pretendia,**Foi se gastando a esperança.*

**N**ão tive por desatino

*A occasião de perdella,**Mas foi culpa do destino,**Que ninguem como mais dino**Amor pudera sostella.*

**D**eilhe tudo o que era seu,

*Não receando taes danos,**Deste, a quem alma lhe deu,**Quando ja não era meu,**Fui entendendo os enganos.*

**F**iquei deste mal sobejo,

*A quem a causa compete,**Dizerlhe tudo o que vejo;**Que Amor a ceita o desejo,**Mas mente no que promete.*

**Q**ue se a mim se me obrigou

*A dar-me bens soberanos,**Foi engano, que ordenou,**Que do bem tudo levou,**Do mal ficarão meus danos.*

É se dor tão desigual  
 Sofro em mim com padecellos,  
 Quero de novo sofrellos,  
 Que por a causa ser tal,  
 Não determino offendellos.  
 Dobrese o mal, falte a vida,  
 Creça a fê, falte a esperança,  
 Pois foi mal agradecida,  
 Fique a dor nalma imprimida,  
 E do bem sô a lembrança.

## MOTTE.

*Ojos, herido me haveis,  
 Acabad ya de matarme,  
 Mas muerto bolvé a mirarme,  
 Porque me resuciteis.*

## VOLTA.

**P**Ues me distes tal herida,  
 Con gana de dar-me muerte,  
 El morir me es dulce suerte,  
 Pues con morir me dais vida.

Ojos, que os deteneis?  
 Acabad ya de matarme,  
 Mas muerto, bolvè a mirarme,  
 Porque me resuciteis.

La llaga cierto ya es mia,  
 Aunque, ojos, vòs no querrais,  
 Mas si la muerte me dais,  
 El morir me es alegria.

Y assi digo, que acabeis,  
 Ojos, de resuscitarme,  
 Mas muerto, bolvè a mirarme,  
 Porque me resuciteis.

## S O N E T O.

**H**Oras breves de meu contentamento,  
Nunca me pareceo, quando vós tinha,  
Que vós visse mudadas tão afinha,  
Em huns tão longos dias de tormento:  
As altas torres, que fundei no vento,  
O vento as levou logo, que as softinha,  
Do mal, que me ficou, a culpa lie minha,  
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento:  
Amor com falsas mostrás apparece,  
Tudo possivel faz, tudo a allegura,  
E logo no melhor desaparece:  
Eu o quiz, pois o quiz minha ventura,  
Que gemendo, & chorando conhecece  
Quam fugitivo elle he, quam pouco dura.

## S O N E T O.

**S**ustenta meu viver hũa esperança  
Dirivada de hum bem tão desejado,  
Que quando nella estou mais confiado,  
Môr duvida me poem qualquer mudança:  
E quando inda este bem na môr pujança  
De seus gostos me tem mais enlevado,  
Me atormenta então ver eu, que alcançado  
Serà, por quem de vós não tem lembranças  
Assi, que nestas redes enlaçado,  
A penas dou a vida, sustentando  
Hũa nova materia a meu cuidado:  
Suspiros dalma tristes arrancando,  
Dos silvos de hũa pedra acompanhado,  
Estou materias tristes lamentando.

## S O N E T O.

**J**A não sinto, senhora, os de fenganos;  
 Com que minha afeição sempre tratastes,  
 Nem ver o galardão, que me negastes,  
 Merecido por fê ha tantos annos:  
 A magoa choro sô, sô choro os danos:  
 De ver, por quem, senhora, me trocastes,  
 Mas em tal caso vós só me vingastes  
 De vossa ingratidão, vossos enganos:  
 Dobrada gloria dà a qualquer vingança,  
 Que o offendido toma do culpado,  
 Quando se satisfaz com cousa justa:  
 Mas eu de vossos males, & esquivança,  
 De que agora me mejo bem vingado,  
 Não o quizera eu tanto à vossa custa.

## S O N E T O.

**Q**ue pòdeja fazer minha ventura;  
 Que seja para meu contentamento?  
 Ou como fazer devo fundamento  
 De cousa, que o não tem, nem he segura?  
 Que pena pòde ser tão certa, & dura,  
 Que possa ser mayor, que meu tormento?  
 Ou como receará meu pensamento  
 Os males, se com elles mais se apura?  
 Como quem se costuma de pequeno  
 Com peçonha criar por mão sciente,  
 Da qual o uso ja o tem seguro:  
 Mas eu acostumado ao veneno,  
 E uso de soffrer meu mal presente  
 Me faz não sentir ja nada o futuro.

## S O N E T O.

**L** Os ojos que con blando movimiento  
 Al passar enternecen la alma mia,  
 Si detenerse viesse solo un dia  
 Mi pecho librarian de tormento:  
 Pues de tan amoroso sentimento  
 El importuno mal se acabaria,  
 O assi el accidente creceria,  
 Que la vida acabasse en un momento:  
 O si tu esquivéz lo permitiesse,  
 Que en presencia de tu semblante hermoso  
 A manos de tus ojos me muriesse:  
 O si los destruyesse, quan dichoso  
 Seria aquel momento, en que me viesse  
 Cobrar ellos la vida, y el reposo.

## S O N E T O.

**A** Fermosura desta fresca serra,  
 E a sombra dos verdes castanheiros,  
 O manso caminhar destes ribeiros,  
 Onde toda a tristeza se desterra;  
 O rouco som do mar, a estranha terra,  
 O esconder do Sol pello outeiros,  
 O recolher dos gados derradeiros,  
 Das nuvens pello ar a branda guerra:  
 Em fim tudo o que a rara natureza  
 Com tanta variedade nos ofrece,  
 Me està (senão te vejo) magoando:  
 Sem ti tudo me enoja, & me aborrece,  
 Sem ti perpetuamente estou passando  
 Nas mōres alegrias, mōr tristeza.

## SONETO.

**S**Ospechas, que en mi triste fantasia  
 Puestas hazeis la guerra a mi sentido,  
 Bolviendo, y rebolviendo el afligido  
 Pecho con dura mano noche, y día:  
 Ya se acabò la resistencia mia,  
 Y la fuerza del alma ya rendido,  
 Vencer de vós me dexo arrepentido  
 De averos contrastado en tal porfia:  
 Llevadme a aquel lugar tan espantable,  
 Que por no ver mi muerte alli esculpido,  
 Cerrados hasta aqui tuve los ojos:  
 Las armas pongo ya, que concedida  
 No es tan larga defensa al miserable,  
 Colgad en vuestro carro mis despojos.

## SONETO.

**N**O bastava que Amor puro, y ardiente  
 Por terminos la vida me quitasse,  
 Sinò que desamor le apresurasse  
 Con un tan deshumano accidente:  
 Mi alma no resiste, ni consiente,  
 Que el amoroso curso se atajasse,  
 Porque nunca jamás se exprimentasse,  
 Que muera a desamor quien amor siente:  
 Mas vuestra voluntad tan poderosa,  
 Como vuestra hermosura, me ordenaron  
 Impossible crueldad, jamás oida:  
 Aquel fiero desden, y la amorosa  
 Furia, de un golpe solo me quitaron  
 Con dós muertes contrarias una vida.

F I N I S.





# III. PARTE DAS RIMAS

## SONETO 3.2

**M** Oradoras gentis; & delicadas: O  
 Dd claro; & auneo Tejo; que metidas  
 Estaes em suas grutas escondidas;  
 E com doce repouso foflegadas:  
 Agora estaes de amores inflamadas;  
 Nos cristalinos passos entretidas;  
 Agora no exercicio embevecidas;  
 Das tellas de ouro puro matizadas:  
 Movei dos lindos rostros a luz pura  
 De vossos olhos bellos, consentindo;  
 Que lagrimas derramem de tristuras;  
 E assi com dormais propria bircis ouvindo:  
 As queixas, que derramo da ventura;  
 Que com penas de amor me vai seguindo.

## SONETO 4.2

**B** Randas agoas do Tejo, que passando  
 Por estes verdes campos; que regaes;  
 Plantas, ervas, & flores, & animaes;  
 Pastores, Ninfas, ides alegrando;  
 Não sei (ah dodes agoas!) não sei quando  
 Vos tornarei a ver, que magoas taeis;  
 Vendo como vos deixo, me causaes;  
 Que ja vou de tornar desconfiado;  
 Ordenar o destino, desejoso  
 De converter meus gostos em pezares;  
 Partida, que me vai custando tanto;  
 Saudoso de vds, delle queixoso;  
 E qherei de suspiros outros ares;  
 Turbarei outras agoas com meu pranto.

DE LVIS DE CAMOENS.

SONETO 5.

**N**OVOS casos de Amor, novos enganos,  
 Envoltos em lisoujas conhecidas,  
 Do bem promessas falsas, & escondidas,  
 Onde do mal se cumprem grandes danos:  
 Como não tomais já por desenganos  
 Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,  
 Pois em a vida não basta, nem mil vidas,  
 A tantos dias tristes, tantos annos:  
 Hum novo coração mister havia,  
 Com outros olhos menos agravados,  
 Para tornar a crer o que eu não cria:  
 Andais comigo, enganos, enganados,  
 E se o quizeres ver, cuidai hum dia,  
 O que se diz dos bem acutilados.

SONETO 62.

**I**A do Mondego as agoas apparecem  
 A meus olhos, não meus, antes alheos,  
 Que de outras differentes vindo cheos,  
 Na sua branda vista inda mais crecem:  
 Parece que também forçadas decem,  
 Segundo se detem em seus rodeos,  
 Triste! por quantos modos, quantos meos  
 As minhas saudades me entristecem!  
 Vida de tantos males salteada,  
 Amor a poem em termos, que duvida  
 De conseguir o fim desta jornada:  
 Antes se dà de todo por perdida,  
 Vendo que não vai da alma acompanhada,  
 Que se deixou ficar onde tem vida.

### III. PARTE DAS RIMAS

#### SONETO 7.

**H**Um firme coração posto em ventura,  
 Hum desejar honesto, que se engeite,  
 De vossa condição, sem que respeite  
 A meu tam puro Amor, a se tam pura:  
 Hum vervos, de piedade, & de brandura,  
 Sempre inimiga, faz-me que sospeite  
 Se alguma Hircana fera vos deu leite,  
 Ou se n'alcestes de hũa pedra dura:  
 Ando buscando causa que disculpe  
 Cruzeção estranha, porèm quanto  
 Nisso trabalho mais, mais mal me trata:  
 Donde vem, que não ha quem nos não culpe,  
 A vós, porque matais quem vos quer tanto,  
 A mim, por querer tanto a quem me mata.

#### SONETO 8.

**A**R, que de meus suspiros vejo cheyo,  
 Terra cançada ja com meu tormento,  
 Agoa, que com mil lagrimas sustento,  
 Fogo, que mais acendo no meu ceyo:  
 Em paz estais em mim, & assim o creyo,  
 Sem esse ser o vosso proprio intento,  
 Pois em dor onde falta o sofrimento,  
 A vida se sustem por vosso meyo:  
 Ayimiga Fortuna! ay vingativo  
 Amor! a que discursos por vós venho,  
 Sem nunca vos mover com minha magoa!  
 Se me quereis matar, para que vivo?  
 E como vivo, se contrarios tenho  
 Amor, Fortuna, Ar, Terra, Fogo, & Agoa.

DE LVIS DE CAMOENS.

SONETO 9. 2

**I**A claro vejo bem, ja bem conheço  
Quanto aumentando vou o meu tormento;  
Pois sei q' fundo em agoa, escrevo em vento,  
E que o cordeiro manso ao lobo peço:  
Que Arancne, pois ja com Pallas teço,  
Que a Tigres em meus males me lamento,  
Que reduzir o mar a hum vaso intento,  
Alpirando a esse Ceo, que não mereço:  
Quero achar paz em hum confuso inferno,  
Na noite do Sol puro a claridade,  
E o suave Verao no duro Inverno:  
Busco em luzente Olympo escuridade,  
E o desejado bem no mal eterno,  
Buscando amor em vossa crueldade.

SONETO 10.

**D**E cá donde sòmente o imaginar vos  
A rigurosa ausencia me consente,  
Sobre as azas de Amor, ousadamente  
O mal soffrido espirito vai buscar vos:  
E se não receâra de abraçar vos  
Nas chamas, que por vossa causa sente,  
Lá ficára com vosco, & vós presente  
Aprendêra de vós a contentar vos:  
Mas pois que estar ausente lhe he forçado,  
Por senhora de cá vos reconhece,  
Abs pês de imagens vossas inclinado:  
E pois vedes a fê, que vos offerece,  
Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,  
E darlhecis inda mais do que merece.

### III. PARTE DAS RIMAS

#### SONETO II.

**N**A5 ha louvor que arribe á menor parte  
 De quanto em vós se vê, bella senhora,  
 Vós sois vosso louvor, quem vos adora  
 Reduz sómente a este o engenho, & arte:  
 Quanto por muitas damas, se reparte  
 De bello, & de fermoso, em vós agora  
 Se ajunta em modo tal, que pouco fora  
 Dizer, que sois o todo, ellas a parte:  
 Culpa logo, não he, se vou louvarvos  
 Ver incapazes todos os louvores,  
 Pois tanto quiz o Ceo aventajarvos:  
 Seja a culpa de vossos resplandores,  
 E a que elles tem vos dou, só para darvos  
 O mór louvor de todos os mayores,

#### SONETO 12.

**N**Aõ vás ao monte, Nise, com teu gado;  
 Que eu lá vi, que Cupido te buscava,  
 Por ti sómente a todos perguntava  
 No gesto menos placido, que irado:  
 Elle publica, em fim, que lhe has roubado  
 Os melhores farpões da sua aljava,  
 E com hum dardo ardente assegurava  
 Traspasar esse peito delicado:  
 Fuge de verte lá nesta aventura,  
 Porque se contra ti o tens iroso,  
 Póde ser que te alcance com mão dura;  
 Mas ay! que em vão te advirto temeroso,  
 Se à tua incomparavel fermosura  
 Se rende o dardo seu mais poderoso,

## SONETO 13.º 2

**A** Violeta mais bella, que amanhece  
 No valle por esmalte da verdura,  
 Com seu pallido lustre, & fermosura,  
 Por mais bella, Violante, te obedece:  
 Perguntas-me porque? porque apparece  
 Seu nome em ti, & sua cor mais pura,  
 E estudar em rosto sò procura  
 Tudo quanto em beldade mais florece:  
 O luminosa flor! ô Sol mais claro?  
 Unico roubador de meu sentido;  
 Não permittas que Amor me seja avaro:  
 O penetrante setta de Cupido!  
 Que queres? que te peça por reparo  
 Ser neste valle Eneas, desta Dido.

## SONETO 14.º 2

**T**ornai essa brancura á alva Açucena,  
 E essa purpurea cor ás puras Rosas,  
 Tornai ao Sol as chamas luminosas  
 Dessa vista, que a roubos vos condena:  
 Tornai á suavissima Sirena  
 Dessa voz as cadencias deleitosas,  
 Tornai a graça ás graças, que queixosas  
 Estão de a ter por vós menos serenas:  
 Tornai à bella Venus a belleza,  
 A Minerva o saber, o engenho, & a arte,  
 E a pureza á castissima Diana:  
 Despojaivos de toda essa grandeza  
 De doês, & ficareis em toda a parte  
 Com velco sò, que he sò ser inhumana.

### III. PARTE DAS RIMAS

#### S O N E T O 152

**D**E mil suspeitas vãs se me levantaõ /  
 Trabalhos, & desgostos verdadeiros,  
 Ay! Que estes bens de Amor são feiticeiros,  
 Que com hũ não sei que, toda alma encatãõ  
 Como Sereas docemente cantão,  
 Para enganar os tristes marinheiros,  
 Os meus assim me atraem lições,  
 E depois com horrores mil me espantão:  
 Quando cuido que tomo porto, ou terra,  
 Tal vento se levanta em hum instante,  
 Que subito da vida desconfio:  
 Mas eu sou quem me faz a maior guerra,  
 Pois conhecendo os riscos de hum amante,  
 Fiado a ondas de Amor, dellas me fio.

#### S O N E T O 162

**M**il vezes determino não vos ver,  
 Por ver se abrandã mais o meu penar,  
 E se cuido de assim me magoar,  
 Cuidai o que serã, se ouver de ser:  
 Pouco me importa ja muito soffrer,  
 Depois que Amor me poz em tal lugar,  
 E o que inda me doe mais, he só cuidar,  
 Que mal sem esta dor posso viver.  
 Assi não busco eu cura contra a dor,  
 Porque buscando algũa, entendo bem,  
 Que ueste mesmo ponto me perdi:  
 Quereis que viva, emfim, neste rigor,  
 Sõmente o querer vosso me conyem,  
 Assi quereis que seja, seja assi.



## SONETO 17. 2

**A** Chaga que, senhora, me fizestes;  
 Não foi para curar-se em hum só dia;  
 Porque crescendo vai com tal porfia,  
 Que bem descobre o intento que tivestes:  
 De causar tanta dor vos não doestes?  
 Mas a doervos, dor me não seria,  
 Pois já com esperança me veria,  
 Do que vós, que em mim visse não quizestes:  
 Os olhos, com que todo me roubastes,  
 Foraõ causa do mal, que vou passando,  
 E vòs estaes fingindo, o não causastes:  
 Mas eu me vingarei, & sabeis quando?  
 Quando vos vir queixar, porque deixastes  
 Ir-se a minha alma nelles abrasando.

## SONETO 18.

**S**E com despresos, Ninfa, te parece,  
 Que podes delviar do seu cuidado  
 Hum coração constante, que se ofrece  
 A ter por gloria o ser atormentado:  
 Deixa a tua porfia, & reconhece,  
 Que mal sabes de Amor desenganado,  
 Pois não lêtes, nem vès, q em teu mal crece,  
 Crescendo em mim, de ti mais desamado:  
 O esquivo de amor com que me tratas  
 Converte em piedade, se não queres,  
 Que creça o meu querer em teu delgosto:  
 Vencer-me com cruezas nunca esperes,  
 Bem me podes matar, & bem me matas,  
 Mas sempre ha de viver meu presuppосто.



### III. PARTE DAS RIMAS

#### SONETO 19.

**S**Enhora miinha, se eu de vós ausente  
 Me defendera de hum penar severo,  
 Sospeito, que e fendera o que vos quero,  
 Esquecido do bem de estar presentes:  
 Tras este logo finto outro accidente,  
 E he ver que se da vida de felpo;  
 Perco a gloria, que vendo vos espero,  
 E afflietou em meus males differentes:  
 E nesta differença meus sentidos  
 Combatem com tão aspera porfia,  
 Que julgo este meu mal por deshumano:  
 Entre si sempre os vejo divididos,  
 E se a caso concordão algum dia,  
 He só conjuração para meu dano.

#### SONETO 20. 2

**N**O regaço de Maem Amor esta va nio  
 Dormindo, tão fermoso, que movia  
 O coração, que mais izento via,  
 E a sua propria mãy de amor matava:  
 Ella com os olhos nelle contemplava  
 A quanto estrago o mundo reduzia,  
 Elle, porém, sonhando lhe dizia,  
 Que te do aquelle mal ella causava:  
 Solito, que graduado em seus amores,  
 De saber de ambos mais teve a ventura,  
 Affilto-leu a duvida aos Pastores:  
 Se bem me ferem sempre, sem ter cura,  
 Do Minino os ardentes passadores,  
 Mais me fere de Maem a fermosura.

## SONETO 21. 2

**E** Ste terrestre Caos com seus vapores  
 Não pôde condensar as nuvens tanto,  
 Que o claro Sol não rompa o negro manto  
 Com suas bellas, & luzentes cores:  
**A** ingraticidão esquivã de rigores  
 Opposta nuvem he, que dura em quanto  
 Nos não converte o Céo em triste pranto  
 Suas vans esperanças, seus favores:  
 Pòde-se contrapor ao Céo a terra,  
 E estar o Sol por horas eclypsado,  
 Mas não pôde ficar escurecido:  
 Póde prevalecer a vossa guerra,  
 Mas a pesar das nuvens declarado  
 Ha de ser vosso Sol, & obedecido:

## SONETO 22.

**H**Uma admiravel erva se conhece,  
 Que vai ao Sol seguindo de hora em hora,  
 Logo que elle do Eufrates se vê fóra,  
 E quando está mais alto, então floresce:  
 Mas quando o Oceano ao carro dece,  
 Toda a sua belleza perde Flora,  
 Porque ella se emmurcheſſe, & se descóra,  
 Tanto eo a luz ausente se entristece:  
 Meu Sol, quando alegaes esta alma vossa,  
 Mostrandolhe esse rosto, que dá vida,  
 Cria flores em seu contentamento:  
 Mas logo em não vos vendo, entristeeida  
 Se murcha, & se consume em graõ tormêto,  
 Nem ha quem vossa ausencia sofrer possa.

S O.

### III. PARTE DAS RIMAS.

#### SONETO 23.

**C**Recei desejo meu, pois que a ventura  
 Já vos tem nos seus braços levantado,  
 Que a bella causa de que sois gerado,  
 O mais ditoso fim vos assegura:  
 Se alpiraes por ousado a tanta altura,  
 Não vos espante haver ao Sol chegado,  
 Porque he de Aguia Real vosso cuidado,  
 Que quanto mais o sofre, mais se apura:  
 Animo, coração, que o pensamento  
 Te pôde inda fazer mais glorioso,  
 Sem que respeite a teu merecimento:  
 Que creças inda mais, he ja forçoso,  
 Porque se foi de ousado o teu intento,  
 Agora de atrevido he venturoso.

#### SONETO 24.

**H**E o gozado bem em agoa escrito;  
 Vive no desejar, morre no effeito,  
 O desajado sempre he mais perfeito;  
 Porque tem parte algũa de infinito:  
 Dar a hũa alma immortal gozo prescrito,  
 Em verdadeiro amor, fora defeito,  
 Por modo superior, não imperfeito,  
 Sois exceição de quanto aqui limito:  
 De hũa esperança nunca conhecida,  
 Da fê do desejar não alcançada  
 Sereis mais desejada possuida:  
 Não podeis da esperança ser amada,  
 Vistá podereis ser, & então mais crida,  
 Porêm não sem agravo comparada,

## SONETO 25.

**D**E quantas graças tinha a natureza  
 Fez hum bello, & riquissimo thesouro,  
 E com Rubins, & Rosas, Neve, & Ouro,  
 Formou sublime, & Angelica belleza:  
 Poz na boca os Rubins, & na pureza  
 Do bello rostro as Rosas, por quem mouro;  
 No tabelleo valor do metal louro,  
 No peito a neve, em que a alma tenho acesa:  
 Mas nos olhos mostrou quanto podia,  
 E fez delles hum Sol, onde se apura  
 A luz mais clara, que a do claro dia:  
 Em fim, senhora, em vossa compostura  
 Ella a apurar chegou quanto sabia  
 De Ouro, Rosas, Rubins, neve, & Luz pura.

## SONETO 26.

**N**unca em Amor danou atrevimento,  
 Favorece a fortuna a ousadia,  
 Porque sempre a encolhida cobardia  
 De pedra serve ao livre pensamento:  
 Quem se eleva ao sublime firmamento,  
 A estrella nelle encontra, que lhe he guia,  
 Que o bem que encerra em si a fantasia,  
 São hũa illusões, que leva o vento:  
 Abrir-se deve passos á ventura,  
 Sem si proprio ninguém será ditoso,  
 O principio sómente a sorte os move:  
 Atrever-se he valor, & não loucura,  
 Perderá por covarde o venturoso,  
 Que vos vé se os temores não remove.

### III. PARTE DAS RIMAS.

#### SONETO 27.

**A** Morte, que da vida opô defata,  
Os nós, que dâ o Amor cortar quizerá,  
Co a ausencia, que he sobre elle espada feia,  
E com o tempo, que tudo desbarata;  
Duas contrarias, que hũa â outra mata,  
A morte contra Amor junta, & altera;  
Huma razão contra a Fortuna austéa,  
Outra contra a razão Fortuna ingrata;  
Mas mostre a sua imperial potencia  
A morte, em apartar de hum corpo a alma,  
Duas almas o Amor num corpo una;  
Para que assi triunfante leve a palma  
Da Morte Amor, a grão pesar da ausencia,  
Do Tempo, da Razão, & da Fortuna.

#### SONETO 28.

**E**ntil senhora, se a Fortuna imiga,  
Que contra mim cõ todo o Ceo conspira,  
Os olhos meus de ver os vossos tira,  
Porque em mais graves casos me perliga;  
Comigo levo esta alma, que se obriga  
Na mór pressa de mar, de fogo, & de ira  
A darvos a memoria, que suspira,  
Sò por fazer com voſco eterna liga:  
Nesta alma, onde a Fortuna pôde pouco,  
Taõ viva vos terei, que frio, & fome,  
Vos não possaõ tirar, nem mais perigos:  
Antes com som de voz trêmulo, & rouco,  
Por vós chamando, sò com vosso nome  
Farei fugir os ventos, & os imigos.

DE LVIS DE CAMOENS.

S O N E T O 29.

Que modo tão subtil da natureza  
Para fugir ao mundo, & seus enganós?  
Permitte, que esconda em tenros annos,  
Debaixo de hum burel tanta belleza:  
Mas não pôde esconderse aquella alteza,  
E gravidade de olhos soberanos,  
A cujo resplandor entre os humanos  
Resistencia não sinto, ou fortaleza:  
Quem quer livre ficar de dor, & pena,  
Vendo já, já trazendo a na memoria,  
Na mesma razão sua se condena:  
Porque quem mereceo ver tanta gloria,  
Cativo ha de ficar, que Amor ordena,  
Que de juro tenha ella esta victoria.

S O N E T O 30.

Na margem de hum ribeiro, que fendia  
Com liquido cristal hum verde prado,  
O triste Pastor Lizo debruçado,  
Sobre o tronco de hum freixo, assi dizia:  
Ah! Natarcia cruel? quem te desvia  
Esse cuidado teu, do meu cuidado?  
Se tanto hei de penar desenganado,  
Enganado de ti viver queria:  
Que foi daquelle se, que tu me deste?  
Daquelle puro amor, que me mostraste?  
Quem tudo trocar pode tam asinha?  
Quando esses olhos teus noutro puzeste,  
Como te não lembrou, que me juraste  
Por toda a sua luz, que eras lo minha?

### III. PARTE DAS RIMAS

#### SONETO 31 2

**S**E me vem tanta gloria fô de olharte,  
 He pena desigual deixar de verte,  
 Se presumo com obras merecerte,  
 Graõ paga do hum engano he desejarte:  
 Se aspiro, por quem es, a celebrarte,  
 Sei certo, por quem sou, q' hei de offenderte,  
 Se mal me quero a mi, por bem quererte,  
 Que premio querer posso, mais que amarte:  
 Porque hum taõ raro Amor naõ me soccorre?  
 O humano thesouro ló doce gloriã  
 Ditoso quem à morte por ti corre!  
 Sempre escripta estarãs nesta memoria,  
 E esta alma vivirá, pois por ti morre,  
 Porque ao fim da batalha he a victória.

#### SONETO 32.

**C**Riou a natureza damas bellas,  
 Que foraõ de altos plectros celebradas,  
 Dellas tomou as partes mais prezadas,  
 E a vòs, senhora, fez do melhor dellas:  
 Ellas diante vòs saõ as estrellas,  
 Que ficão com vos ver logo eclypsadas,  
 Mas se ellas tem por Sol essas rosadas,  
 Luzes de Sol mayor, felices ellas!  
 Em perfeiçã, em graça, & gentileza,  
 Por hum modo, entre humanos, peregrino,  
 A todo o bello excede essa belliza:  
 O quem tivera partes de divino,  
 Para vos merecer! mas se pureza  
 De Amor val ante vòs, de vòs sou dino.



## SONETO 33.

**Q**ue esperais, esperança? Desespero.  
 Quem disse a causa foi? Hũa mudança.  
 Vós vida, como estais? Sem esperança.  
 Que diz'is coraçãõ? Que muito quero.  
 Que sentis alma vós? Que Amor he fero?  
 E em fim, como viveis? Sem confiança.  
 Quem vós sustenta logo? Hũa lembrança.  
 E só nella esperais? Só nella espero.  
 Em que podeis parar? Nisto em que estou.  
 E em que estais vós? Em acabar a vida.  
 E rendelo por bem? Amor o quer.  
 Quem vos obriga assi? Saber quem sou.  
 E quem sois? Quem de todo está rendida.  
 A quem rendida estais? A hum só querer.

## SONETO 34.

**S**e algum hora essa vista mais suave  
 A caso a mim volveis, em hum momento  
 Me sinto com hum tal contentamento,  
 Que não temo que dano algum me agrave:  
 Mas quando com desdem esquivo, & grave,  
 O bello rosto me mostral, izento  
 Hũa dor provo tal, hum tal tormento,  
 Que muito vem a ser, que não me acabe:  
 Assi está minha vida, ou minha morte  
 No volver desses olhos, pois podeis  
 Dar cum a volta delles morte, ou vida:  
 Dito so eu, que o Ceo quer, ou minha sorte,  
 Que ou vida para dar vola me deis,  
 Ou morte, para haver morte querida.



### III. PARTE DAS RIMAS

#### SONETO 1350 2

**T** Auto se foraõ, Ninfa, costumando,  
 Meus olhos a chorar tua dureza,  
 Que vão passando ja por natureza,  
 O que por accidente hiaõ passando;  
 No que ao feno se deve estou velando,  
 E venho a velar sõ minha tristeza,  
 O choro não abrandá esta aspereza,  
 E meus olhos estaõ sempre chorando;  
 Affi de dor em dor, de magoa, em magoa,  
 Consumindose vão inutilmente,  
 E esta vida também vão consumindos;  
 Sobre o fogo de Amor inutil agoa,  
 Pois eu em choro estou continuamente,  
 E do que vou chorando, te vâs rindo.

#### S O N E T O 36 2

**E** U me aparto de vós, Ninfas do Tejo,  
 Quando menos temia esta partida,  
 E se a minha alma vai entristecida,  
 Nos olhos o vereis, com que vos vejo:  
 Pequenas esperanças, mal sobejo,  
 Vontade, que a razão leva vencida,  
 Presto veraõ o fim á triste vida,  
 Se vós não torno a ver como desejo;  
 Nunca a noite entre tanto, nunca o dia,  
 Veraõ partir de mim vossa lembrança,  
 Amor, que vai comigo o certifica:  
 Por mais que no tornar haja tardança,  
 Me farão sempre triste companhia,  
 Saudades do bem, que em vós me fica.

DE LUIS DE CAMOENS:

SONETO 37.

**D**ivina companhia, que nos prados  
Do claro Eurotas, ou no Olimpo monte,  
Ou sobré as margens da Castalia fonte,  
Vossos estudos tendes mais sagrados:  
Pois por destino dos immoveis fados,  
Quereis que em vosso numero me conte  
No eterno templo de Belerofonte,  
Ponde em bronze estes versos entalhados:  
Soliso (por que em seculos futuros  
Se veja da belleza o que merece  
Quem de sabia doudice a mente inflama:  
Seus escriptos da sorte ja seguros  
A estas aras em hũa mão ofrece,  
E a alma em outra á sua bella Dama.

SONETO 38.

**A** la margen del Tajo en claro dia,  
Con rayado marfil peinando estava  
Natárcia sus cabellos, y quitava  
Con sus ojos la luz al Sol, que ardia:  
Soliso, que qual Clicie la seguia,  
Lexos de si, mas cerca della estava,  
Al son de su zampoña celebrava  
La causa de su ardor, y assi dizia:  
Si tantas, como tu tienes cabellos,  
Tuviera vidas yo, me las llevaras,  
Colgada cada qual del uno dellos:  
De no tenerlas tu me consolaras,  
Si tantas vezes mil como son ellos,  
En ellos, la que tengo, me entredaras.

S O.

## SONETO 35

**T**Ante se foraõ, Ninfa, costumando, ou  
 Meus olhos a chorar tua dureza,  
 Que vão passando ja por natureza,  
 O que por accidente hiaõ passando;  
 No que ao senõ se deve estou velando,  
 E venho a velar sò minha tristeza,  
 O choro não abranda esta aspereza,  
 E meus olhos estaõ sempre chorando:  
 Affi de dor em dor, de magoa, em magoa,  
 Consumindose vão inutilmente,  
 E esta vida tambem vão consumindor;  
 Sobre o fogo de Amor inutil agoa,  
 Pois eu em choro estou continuamente,  
 E do que vou chorando, te vâs rindo.

## SONETO 36

**E**U me aparto de vòs, Ninfas do Tejo,  
 Quando menos temia esta partida,  
 E se a minha alma vai entristecida,  
 Nos olhos o vereis, com que vos vejo:  
 Pequenas esperanças, mal sobejo,  
 Vontade, que a razão leva vencida,  
 Presto veraõ o fim á triste vida,  
 Se vòs não torno a ver como desejo:  
 Nunca a noite entre tanto, nunca o dia,  
 Veraõ partir de mim vossa lembrança,  
 Amor, que vai comigo o certifica:  
 Por mais que no tornar haja tardança,  
 Me farão sempre triste companhia,  
 Saudades do bem, que em vòs me fica.

DE LUIS DE CAMOENS.

SONETO 37.

**D**ivina companhia, que nos prados  
Do claro Eurotas, ou no Olimpo monte,  
Ou sobré as margens da Castalia fonte,  
Vossos estudos tendes mais sagrados:  
Pois por destino dos immoveis fados,  
Quereis que em vosso numero me conte  
No eterno templo de Belerofonte,  
Ponde em bronze estes versos entalhados:  
Soliso (porque em seculos futuros  
Se veja da belleza o que merece  
Quem de sabia doudice a mente inflama:  
Seus escriptos da sorte ja seguros  
A estas aras em hũa mão ofrece,  
E a alma em outra á sua bella Dama.

SONETO 38.

**A** la margen del Tajo en claro dia,  
Con rayado marfil peinando estava  
Natárcia sus cabellos, y quitava  
Con sus ojos la luz al Sol, que ardia:  
Soliso, que qual Clície la seguia,  
Lexos de si, mas cerca della estava,  
Al son de su zampoña celebrava  
La causa de su ardor, y assi dizia:  
Si tantas, como tu tienes cabellos,  
Tuviera vidas yo, me las llevaras,  
Colgada cada qual del uno dellos:  
De no tenerlas tu me consolaras,  
Si tantas vezes mil como son ellos,  
En ellos, la que tengo, me entredaras.

### III. PARTE DAS RIMAS

#### SONETO 39.

**P**Or gloria tuve un tiempo el ser perdido,  
 Perdiame de puro bien ganado,  
 Ganè quando perdi ser libertado,  
 Libre agora me veo más vencido:  
 Venci, quando de Nize fui rendido,  
 Rendimo, por no ser della dexado,  
 Dexóme en la memoria el bien passado,  
 Passo agora a llorar lo que he servido:  
 Servia al premio de la luz, que amava,  
 Amandola, esperavale por cierto,  
 Incierto me salió quanto esperava:  
 La esperança se queda en desconcierto,  
 El concierto en el mal, que no pensava  
 El pensamiento con un fin incierto.

#### SONETO 40.2

**R**ebuelvo en la incesable fantasia,  
 Quando me he visto en más dichoso estado,  
 Si agora, que de Amor vivo inflamado,  
 Si quando de su ardor libre vivia:  
 Entonces desta llama solo hula,  
 Del preciano en mi vida su cuidado,  
 Agora con dolor de lo passado,  
 Tengo por gloria aquello que temia:  
 Bien veo, que era vida deleitosa  
 Aquella que lograva sin temores,  
 Quando gustos de Amor tuve por viento:  
 Mas viendo oy a Natarcia tan hermosa,  
 Hallo en esta prision glorias mayores,  
 Y en perderlas, por libre, hallo tormento.

## SONETO 41.

**L**as peñas retumbavan al gemido de **O**  
 Del misero zagal, que lamentava  
 El dolor, que a su alma lastimava  
 De un obstinado desamor nacido  
 El mar, que las batia su bramido,  
 Con los retumbos de las ayuntava,  
 Confuso, son al viento derramava  
 En cavernosos valles repetido  
 Responden a mi llanto duras peñas,  
 Ay de mí! (dixo) la mar brama, y gime,  
 Los eccos suenan de tristeza llenos  
 Y tu por quien la muerte en mí se imprime,  
 De oír las ansias mías te desdénas,  
 Y quando lloro más, te ablando menos.

## SONETO 42.

**E**N una selva al despuntar del día,  
 Estava Endemion triste, y lloroso,  
 Buelto al rayo del Sol, que presuroso,  
 Por la falda de un monte decendia:  
 Mirando al turbador de su alegría,  
 Contrario de su bien, y su reposo,  
 Tras un suspiro, y otro congoso,  
 Razones semejantes le dízia:  
 Luz clara, para mí la más oscura,  
 Que con esse passeio apresurado,  
 Mi Sol con tu tiniebla escureciste:  
 Si allá pueden moverte en essa altura  
 Las queexas de un Pastor enamorado,  
 No tardes en bolver adó saliste.

# III. PARTE DAS RIMAS.

## S. O N E T O 43.

**O**Rphêo enamorado, que tañia  
 Por la perdida Ninfa, que buscava,  
 En el arco implacable, donde estava;  
 Con la Arpa, y con la voz la enternecia.  
 La nuda de Ixion no se movia,  
 Ningun atormentado se quexava,  
 Las penas de los otros ablandava,  
 Y todos las de todos èl sentia:  
 El son pudo obligar de tal manera,  
 Que en dulce galardón de lo cantado,  
 Los infernales Reyes condolidos,  
 Le mandaron bolver su compañera,  
 Y bolviola a perder el desdichado,  
 Con que fueron éntrambos los perdidos.

